

A VERDADE DO CAPPUCINO, O GLAMOUR, MAGIARES E GALEGADAS* 8.000 Km de aventuras e tormentos fronteiriços

MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA **

Como diz a canção que, para muitos, não passa de *pimba: Ai meu lindo Agosto!*...

Pois assim é, de facto. Já cá estamos outra vez! Quanto mais não seja, é o mês que nos permite *tirar bilhete* deste nosso *pântano de estimação*, que, polidamente, chamamos país(?). É quando podemos *ganhar asas e voar até novas paragens*, mesmo sem o milagroso *Red Bull*, experimentar novas sensações e, acima *de tudo* e mais importante *do que tudo*, tomar o nosso *banho anual* de cultura e civilização.

3 de Agosto, quinta-feira

Este ano preparam-nos a partida! Ao invés de nos virem buscar ao burgo, deram-nos duas opções: ou íamos ter à área de serviço de *Mangualde* e aí seríamos recolhidos pelo autocarro que iria fazer o circuito que escolhêramos, ou então, pasme-se, viria um *transfer* buscar-nos até à dita área, mas a troco de 25 €. É claro que optámos pela primeira, está bem de ver. Como somos criaturas obedientes, à hora marcada - 10.45 - lá estávamos. Foi o primeiro choque! Também, é o clima nacional e governamentalmente instituído, por via do tão propalado *choque tecnológico*. Como desconfiámos que ainda era cedo e teríamos uma eternidade de tempo pela frente, nada melhor do que ir tomar um cafezinho e sentarmo-nos calmamente à espera. Era bom, era!... Com estupefacção e revolta verificámos que o café e restaurante se encontrava fechado! Como era possível tal suceder? E porquê? Será admissível que, num local de passagem de quem vem dessa *Europa*, não exista um local aberto onde se possa fazer uma refeição condigna? Bem, mas isto era de um dos lados da estrada. Será que do outro flanco acontecia o mesmo? À distância a que nos encontrávamos não nos era possível saber. Assim sendo, criaturas de fé, transpusemos a passadeira para peões levando de rastos as pesadas malas que nos acompanhavam e fomos à descoberta. Não tivemos sorte! Eis-nos de novo a arrastar as malas para debaixo de uma pequena árvore que, apesar do pouco porte, ainda nos brindava com uma razoável sombra. Como a espera já era longa e o organismo pedia cafeína, arriscámos o pequeno *boteco* onde

* Este trabalho foi elaborado com a preciosa e imprescindível ajuda das informações que nos foram sendo prestadas pela nossa competente guia, complementada com os inúmeros folhetos disponibilizados nos locais visitados.

** Funcionária Administrativa dos Serviços Centrais do Instituto Politécnico de Viseu.

tínhamos visto a indicação de existência de casas-de-banho. Até foi uma agradável surpresa! Tomámos um bendito café, bem saboroso, por sinal, que acompanhámos com um bolo de arroz. Prevenidos, face à lonjura que tínhamos pela frente, ainda comprámos bolachas integrais, simples e com chocolate. O pior foi quando pedimos a chave dos lavabos. É que o das senhoras estava fechado, pelo que teríamos que ir à dos cavalheiros. Depois de aguardar na fila, lá pudemos aliviar a bexiga.

Três quartos de hora depois da hora marcada, suspirámos de alívio ao vislumbrar o *nosso* autocarro. A emoção estava ao rubro e a ansiedade *cortava-se à faca!* Estávamos *em pulgas* para ver quem nos iria fazer companhia durante os próximos treze dias. O primeiro olhar foi para a guia, que desconfiámos já nos ser familiar quando nos disseram ser uma e não um. E estávamos certos! Até aqui, tudo bem. Respirámos de alívio face ao excelente trabalho e profissionalismo que já havia demonstrado no ano anterior. Recupero o que dela foi dito anteriormente: (...) *simpática e amistosa, recebeu-nos com um caloroso sorriso de boas-vindas. Vistosa, de meia-idade, impecavelmente vestida, tinha os cabelos aloirados caídos pelo pescoço*¹ (...) *competente guia, homónima da brasileira Calcanhoto*² (...) *Primava pelo sóbrio e discreto bom gosto no vestir, simples, contudo senhora de uma grande bagagem cultural e expressava-se com uma óptima dicção e boas maneiras*³ (...). Todavia, havia uma pequena diferença no visual do presente ano – a cor do cabelo. Havia passado do loiro ao castanho arruivado. Depois da bagagem arrumada, entrámos no autocarro e travámos o primeiro contacto visual com os nossos companheiros de aventura. Apesar de verificarmos que se tratava de um grupo grande, pudemos constatar que havia rostos familiares. Três deles já haviam connosco viajado no ano transacto. Um casal de *Coimbra*, ambos simpáticos e bonacheirões, e uma dama de meia-idade, que, posteriormente, viria a revelar-se uma agradável surpresa. Lá seguimos a nossa viagem e, ao raiar do meio-dia e meia, estávamos por terras de *Espanha*, e, desde logo, fizémos jus ao ditado *em Roma sê romano* e acertámos os nossos relógios pela hora local. De agora em diante, e nas quase duas semanas que tínhamos pela frente, era por ela que nos iríamos orientar. Sem grandes demoras, lá nos íamos fazendo à estrada e galgando os muitos e muitos quilómetros que nos separavam do nosso destino para aquele dia. Ainda não eram duas da tarde quando cruzámos *Ciudad Rodrigo*. Pela ponte do rio *Águeda*, espreitámos as muralhas da cidade e as torres da sua catedral. Em tempos idos, por aqui passaram as tropas castelhanas a caminho da *Batalha de Aljubarrota*.

¹ In *Operação cappuccino: Os galegos, os cromos, os saldos, as vitaminas e os bacocos!...*, *Millenium* nº 32, Abril de 2006.

² *Idem*.

³ *Ibidem*.

Já eram horas de almoço e, como era já habitual, na zona de *Sancti Spiritus* parou-se para confortar o estômago. O restaurante, o velho *Arturo*, era já nosso conhecido. Desta vez escolhemos peixe. Coisa rara! Foram dois filetes rectangulares, que acompanhámos com um misto quente de legumes, com feijão-verde, cenouras e ervilhas envoltas num creme branco, por sinal bem apaladado. Para desenjoar, ainda trincámos uma salada de tomate, alface, cebola, azeitonas verdes e pretas e *fusili* tricolor. Para sobremesa escolhemos um iogurte com sumo de laranja e banana, da *Longa Vida* e que, curiosamente, tinha o rótulo todo em português. Já mais compostos seguimos a nossa viagem. Ainda não eram quatro horas quando passámos por *Salamanca*, no coração de *Castilla y León*, facilmente identificada pelas torres da catedral que se vislumbrou à nossa direita.

Aproveitámos o tempo para ir descobrindo e *conhecendo* melhor a fauna de acompanhantes. A nossa companheira do ano transacto, a tal dama de meia-idade, vinha este ano com companhia *mais fresca*, uma vez que se fazia acompanhar por duas jovens moçoilas. Mas depressa delas se separou. Ao que parece, o passageiro da frente vai de reclinar o banco todo para trás, pouco ou nenhum espaço deixando para que as pernas do viajante traseiro se pudessem acomodar, e, muito menos, alongar de quando em vez. Também um jeitoso espécime masculino, alto, forte e espadaúdo, com um sensual bigode a cobrir-lhe os beiços. Os olhos, que não nos foram dados espreitar, estavam camuflados por trás de uns óculos de lentes grossas. Pela pinta cuidámos que era ucraniano, mas não. Era nativo de *Terras de Vera Cruz*, vulgo *Brasil*. Mas não era só ele. Também lá vinham três castiços *entradotes*, na casa já dos oitenta, sendo que, dois deles eram brasileiros e o terceiro era luso, mas, no entanto, residia do outro lado do *Atlântico* há um bom par de anos. A farpela, tipicamente de turista, demonstrava descontração *pura e dura*. Calção abaixo do joelho, *t'shirt* de manga cavada e chinelos de enfiar do dedo, muito à imagem das celebérrimas *havaianas*. A cabeleira *já vira melhores* dias e deixava à mostra o alvo cocuruto. Não tardámos a baptizá-los de *trio bota-fogo*. Também uma *pindureta entradota* de olhar um tanto sinistro, que, mais tarde, nos apercebemos se fazia acompanhar de uma mala que chiava por todos os lados de cada vez que era arrastada. Também por lá descobrimos uma cabeça loira titubeante, já bem para lá dos setenta, que viajava sozinha. Nem sonhávamos nós que, daí a uns dias, iríamos ser alvo de uma das suas muitas investidas e, com ela, iríamos presenciar uma caricata e rocambolesca cena. *Casca grossa*, tornar-se-ia, por vezes, grosseira e mal-educada! Para compor o ramo, um decrépito espécime masculino também por lá ia sozinho. Pouco dado à higiene, descobrimos mais tarde que, em toda a viagem iria vestir apenas dois pares de calças e outras tantas camisas, às páginas tantas já imundas e numa nódoa pegada. Isto para já não falar dos ténis, cuja cor original nunca conseguíamos decifrar.

Por volta da hora do chá por terras de *Sua Majestade*, que é como quem diz cinco da tarde, à nossa direita surge *Tordesillas*, a cidade banhada pelo *Duero* e que fora palco do tratado que dividiu o globo em duas metades a favor de *Portugal* e *Espanha*. Menos de meia hora volvida cruzámos *Simancas* e pudemos apreciar o arquivo geral do rei. Parece um imponente castelo com torres circulares, todo em pedra imaculada e devidamente cuidado e restaurado. Pouco depois chegámos a *Valladolid*, cidade onde confluem os rios *Pisuerga* e *Esgueva* e onde se pode admirar a magnífica catedral e *Iglesia de San Pablo*. Aqui se reuniram as cortes por doze vezes, até que, definitivamente, se transferiram para *Madrid*. Também aqui morreu *Colombo*, pelo que aqui existe uma praça com o seu nome e onde se erigiu uma estátua em sua homenagem. Por estas terras são fortes as celebrações da *Semana Santa*, com desfiles de bairros com temas alusivos. A cerca de meia centena de quilómetros de *Burgos* e por volta das dezoito e trinta, numa breve paragem para desentorpecer as pernas e as mentes, tomámos um *café cortado* (com leite). Estávamos em plena *autovia de Castilla* e deixámos para trás a cidade de *El Cid*⁴ (*Burgos*) quando passavam quinze minutos das dezanove. Berço de *Castela*, a cidade tem cerca de cento e cinquenta mil habitantes. Outrora rodeada por uma cintura de muralhas, possuía oito portas de entrada, sendo a mais conhecida de todas o famoso *Arco de Santa Maria*, por onde se diz que *El Cid* entrava e saía da cidade. A sua catedral, em estilo gótico flamejante, é profusamente decorada no exterior e exhibe dois pináculos gigantescos. Era entendido, à época, que, quanto mais altos fossem, mais depressa *se chegava ao céu* (!?). Fomos seguindo pelo pedregoso desfiladeiro de *Pancorbo* e ultrapassando os sucessivos túneis até cruzarmos *Miranda del Ebro*, a segunda cidade da província de *Burgos* e fronteira limite da província de *Castilla y León* para o *País Vasco – Euskadi*, com as suas três grandes cidades: *Bilbau – Bilbo*, na província de *Vizcaya*, *San Sebastian – Donostia*, na província de *Guipúzcoa* e *Vitoria – Gasteiz*, província de *Alava*. As placas toponímicas mudam agora de cor, de azul para verde.

Chegámos a *Vitoria* por volta das nove menos um quarto da noite, com uma temperatura de dezassete graus e ameaça de chuva. Como já não era cedo, apenas tivemos tempo de subir aos quartos para acomodar as malas e às 21,15 já estávamos sentados à mesa para jantar. Como entrada, serviram-nos um arroz branco com um ligeiro travo a louro. Colocaram-nos depois na mesa umas tigelas com uma espécie de molho de tomate, e, a empregada que nos servia, sorridente, vai de colocar-nos um ovo estrelado em cima do arroz que já aguardava no prato a hora de ser deglutido. Não sem antes nos perguntar se queríamos um ou dois? Passada a surpresa do primeiro impacto e após a primeira garfada, constatámos que a combinação até era gostosa. Principalmente

⁴ De seu nome completo *Rodrigo* ou *Ruy Díaz de Vivar*, guerreiro e herói da reconquista hispânica, mais conhecido como *El Cid*, o *Campeador*. Nasceu em *Burgos* e morreu em *Valência*.

porque o tal molho de tomate era bem condimentado e dava outra *roupagem* ao arroz e ao ovo. Seguiram-se umas fatias de lombo de porco, estufadas e impregnadas num acastanhado e aveludado molho, que vinham com umas batatas *choux*⁵. Para sobremesa deram-nos uma espécie de *Tiramissu* em bolo, contudo, com recheio de *chantilly* e coberto de cacau. Dir-se-ia que era uma corruptela da mais famosa receita da doçaria transalpina. Mas estava bom. Para rematar serviram-nos café, *fracote e aguaritana*. Simples ou com leite, conforme o gosto de cada um.

Apesar de já não ser cedo, não nos ficamos pelo hotel. Saímos por volta das onze da noite e, com grande pena nossa, verificámos que não havia festas nem aglomerados de gente como nos anos anteriores. No entanto, o potente som de música ao vivo denunciava alguma animação. Obviamente que para lá nos dirigimos, na esperança de *deitar uma olhadela*. Quando chegamos a um largo já nosso conhecido, vimos um grande aparato de seguranças que protegiam um palco por onde entrava um animado grupo de negros ao som de esfuziantes e contagiantes ritmos *afro-reggae*. Reparámos no vocalista, magro e esquelético, que se movia de forma ondulante. Por ali nos quedámos um pouco, até porque a música era convidativa, mas estávamos intrigados. Quem seria aquela personagem? Deveria ser famoso, por via do histerismo com que alguns fãs o brindavam. Tínhamos que saber quem era. Afinal de contas, deveria haver cartazes a anunciar o evento. E havia! Descobrimos que, afinal, a criatura mistério mais não era do que *Jimmy Cliff*, o músico jamaicano que, em 1972, havia protagonizado e composto a banda sonora do filme *The Harder They Come*. O tempo não estava seguro e umas *pingorretas* de chuva fizeram-nos apressar o passo. Ainda subimos a *Escalera Machete* e passámos pela *Iglesia de San Miguel Arcángel*, para depois irmos até à *Plaza de España*. As *pingorretas* de há pouco eram agora grossas pingas que nos caíam *no lombo* à medida que caminhávamos apressados para o hotel. Já o novo dia tinha meia hora quando tomámos um banhito, para depois nos deliciarmos com um *cappuccino* quase *home made* e umas bolachinhas de fibra e soja. O *home made* que atrás referimos fica a dever-se ao facto de, este ano, termos acrescentado ao conteúdo da mala uma chaleira eléctrica e uns pacotes de *cappuccino*, café e descafeinado. *Quem vai para o mar, avia-se em terra!*...

4 de Agosto, sexta-feira

O despertar dos *guerreiros* ocorreu por volta das seis da manhã, para dar tempo de *enxaguar o esqueleto e arranjar a tralha* antes do pequeno-almoço. Que começámos com melão, melancia e metade de uma pêra em calda. Seguiu-se um iogurte de morango mais uma série de pequenos e crocantes pãezinhos com manteiga e fiambre, que

⁵ Iguaria simples, confeccionada com puré de batata enxuto, que se coloca num saco de pasteleiro com bico frisado e se frita até dourar.

acompanhámos com café com leite. Ainda não eram 8 horas quando saímos por *San Sebastian – Donostia*, para depois seguirmos pela orla dos *Pirinéus* franceses. A chuva, que ontem nos fizera apressar o passo, era agora intensa e fustigava violentamente o vidro do autocarro. Lá seguimos a nossa viagem por entre árvores frondosas e verdejantes e paisagens de montanha, sem um único vestígio de incêndio. Afinal onde está a diferença? Na paisagem ou no país? Certa e definitivamente no segundo, incomensuravelmente mais civilizado e consciente. A paisagem é agora mais magnífica e exhibe diversas tonalidades de verde, a fazer lembrar cenários helvéticos. Cumes aureolados de nuvens e estreitas gargantas e abruptos desfiladeiros, pintalgados aqui e ali de pequenos aglomerados populacionais, envolvem a serpenteante estrada por onde o nosso autocarro segue a passo sincopado. Por todo o lado se vêem anafados ovinos que tomam descansadamente o pequeno-almoço, devorando braçadas de clorofila. De quando em vez, embutido no sopé da montanha, surge um lugarejo de maiores dimensões, onde se perfilam já empresas industriais de alguma envergadura. Prosseguimos agora sem chuva, mas com um tímido sol a querer romper por entre negras nuvens. Meia hora depois das nove circundámos *San Sebastian* e espreitámos o *Monte Igueldo*, de onde já desfrutámos uma magnífica vista sobre as praias da *Ondarreta* e da *Concha*. Ainda antes de cruzarmos a fronteiras e entrarmos em terras gaulesas, tomámos um cafezinho aquando de uma paragem para *desformigar* a ossada, daqueles que nos é servido por uma maquina se lhe dermos uma moeda de 50 cêntimos. Passavam quinze minutos das dez quando entrámos em *França*. Antes do meio-dia, à nossa direita uma placa anuncia o caminho para *Lourdes*, a pouco mais de uma trintena de quilómetros. Em plenos altos *Pirinéus*, foi aqui que, em 11 de Fevereiro de 1858, a *Virgem Maria* apareceu pela primeira vez a *Bernardete Soubirous*, transformando, deste modo, este local num importantíssimo santuário mariano e um dos altares do mundo, à semelhança da *nossa Fátima*.

Pouco passava do meio-dia e meio quando parámos para o almoço, algures pelo *Aire de Comminges*, numa área de serviço do grupo *Arche*. Foi frugal, contudo saboroso. Uma *sandwich mixte de fromage et jambon*, a que se seguiu uma *tartelette framboise*. Para não embuchar, democraticamente partilhámos uma fresca *Evian* de meio litro. Retomámos a viagem por volta das duas da tarde, não sem antes nos apoquentarmos com um dos nossos companheiros de viagem que, vai-se lá saber como, perdeu-se no regresso ao autocarro. Enfim, ninguém disse que a vida turista era fácil!...

Uma hora depois estávamos às portas de *Toulouse*, a cidade da aeronáutica e zona limite para o fim dos *Pirinéus*. Em termos religiosos refira-se a importância da *Catedral de Saint-Etienne*, cuja rosácea é em tudo semelhante à de *Notre Damme de Paris*, bem como a *Basílica de Saint-Sernin*, em cuja cripta superior se encontra o que resta de uma basílica do século V que serviu de sepultura ao mártir *São Saturnino*.

Vamos agora ao encontro de *Carcassone*, bem no coração do *país cátaro*, nome oriundo de uma seita cristã da Idade Média surgida no final do século XI - os *Cátaros* – cujo nome provém do grego *Katharos* (puro). Estes acreditavam na existência de dois seres supremos, um do bem, *Deus*, e outro do mal, o *Diabo*. Não aceitavam a existência do inferno, pois acreditavam que no fim o deus do bem triunfaria sobre o deus do mal e todos seriam salvos. Por via destas ideias, tidas por heréticas, foram perseguidos e condenados pelo *Papa Inocêncio III*. A exemplo dos primeiros cristãos, viviam uma vida de alta espiritualidade, levando à prática um cristianismo que apelidavam de puro. Consideravam-se verdadeiros discípulos de *Cristo*, para eles o mais perfeito de todos os anjos. Em seu entender, a igreja corrompera-se desde os tempos de *Constantino*. Nesse sentido, não aceitavam nem respeitavam os sacramentos católicos e tinham os seus próprios rituais e crenças. Organizaram uma igreja cujos membros estavam divididos em crentes, perfeitos e bispos. A igreja católica depressa condenou este tipo de filosofia, vendo nela uma ameaça à fé e à unidade cristã, uma vez que numerosos seguidores a professavam. As igrejas cátaras foram destruídas e os actos religiosos, agora clandestinos, passaram a decorrer em grutas ou cavernas, florestas e até em casas dos crentes. Por serem considerados heréticos, contra ele foi estabelecida uma cruzada tendo em vista o seu extermínio. Os *Cátaros* resistiram e o seu último refúgio foi *Montségur*.

Deixemos de lado este devaneio histórico e regressemos à nossa crónica de viagem. Tínhamos ficado em *Carcassonne*, onde chegámos por volta das quatro e um quarto da tarde. Foi-nos dado algum tempo livre para darmos uma vista de olhos por esta belíssima cidade medieval, uma vez que estávamos em trânsito para *Nîmes*. Entrámos pela *Porte Narbonnaise*, com a *Dame Carcas* mesmo à nossa direita. As ruas formigavam de gentes aos encontrões umas contra as outras, aos magotes, num frenesim desenfreado. Era quase impossível circular sem ser acotovelado e espezinhado pelo enxame de turistas e nativos que entupiam as ruas. Fomos rompendo por entre a massa compacta mais umas dezenas de metros, até que desistimos. Já conhecíamos a cidade, até já lá tínhamos pernoitado, e, assim sendo, deixámo-nos ficar pela esplanada do *Auberge de Dames Carcas*, calmamente, a tomar um *expresso* e a observar as movimentações. Antes de sairmos, ainda fomos à casa-de-banho, situada no primeiro piso do estabelecimento bem típico e castiço. Também aqui era a sala de jantar, toda rústica e com o tecto revestido de grossas traves de madeira. As mesas, já postas para o jantar, curiosamente ostentavam quatro copos distintos por lugar. A um canto, um velho frigorífico desactivado fazia agora as vezes de armazém de garrafas de vinho. Chamou-nos a atenção um pormenor deveras curioso: um velho atomizador, terminado os seus dias de lavoura, estava agora romanticamente transformado em jarra, de cuja boca saíam agora coloridas flores.

Retomámos a viagem por voltadas cinco e um quarto. Íamos a caminho de *Nîmes*, não sem antes passarmos por *Narbonne* e *Montpellier*. A cidade já não era surpresa para nós, uma vez que já por lá tínhamos estado um par de vezes, a última das quais no ano transacto, onde, inclusive, pernoitámos. Antes de recolher ao hotel, desgraçadamente já nosso conhecido e bem fora do perímetro citadino, demos uma volta pelo centro histórico da cidade e espreitámos os dois mais emblemáticos monumentos desta ancestral cidade e que remontam a tempos romanos. Falamos da *Maison Carrée* e *Les Arènes*. A primeira deduz-se que terá sido construída no início da era cristã. O pódio, de cerca de três metros de altura, suporta uma trintena de colunas coríntias que perfazem uma figura rectangular de seis colunas à frente e outras tantas atrás, a que se juntam mais onze de cada um dos lados. Nos dias de hoje está praticamente encravada e diluída nas construções citadinas que a engolem. Quanto às arenas, diz-se que são as mais bem conservadas do mundo. Este anfiteatro romano, feito à imagem e semelhança do *Coliseu de Roma*, data do primeiro século da era cristã. Sob forma oval, mede cerca de 133 metros de comprimento e 101 de largura, sendo o perímetro do centro da arena de 70 por 38 metros. No exterior são visíveis dois níveis de arcadas sobrepostas, e, o interior, tem capacidade para albergar 25.000 espectadores, distribuídos por quatro zonas e trinta e quatro tribunas. Virado para o *Palácio da Justiça*, podemos ver um baixo-relevo que exhibe uma loba que amamenta duas crianças. É claramente uma alusão aos míticos fundadores de *Roma*, *Rómulo* e *Remo*. Curiosamente, esta loba olha directamente para as crianças, voltando a cabeça na sua direcção, o que não acontece na representação romana original. Observando de forma mais atenta, ainda descortinamos outro baixo-relevo que representa um combate de gladiadores.

Depois de arrumarmos as nossas bagagens nos liliputianos quartos que nos estavam destinados, descemos para jantar. Como entrada serviram-nos um *vol-au-vent* de mexilhão e tiras de choco ou lula, a que se seguiu uma posta de peixe com molho de fricassé que vinha acompanhada com arroz branco, soltinho, polvilhado de cebolinho e enfeitado com meio gomo de limão. Para sobremesa veio uma bola de gelado de baunilha e outra de framboesa, assentes numa cama de merengue. Bebemos água *del cano* e ainda tivemos direito a um pãozinho quadrado. Depois da *janta*, nada mais nos restava senão dar uma triste volta pelas redondezas. O hotel ficava longe da cidade, num parque hoteleiro onde também se viam condomínios fechados, uma policlínica e umas quantas empresas. Como o leque de opções era bem diminuto, entrámos no *Nîmes Hotel* e ficámos pelo bar a sorver calmamente uma *Coca-Cola light*. Já passava da meia-noite quando saímos e ainda tivemos direito a um pequeno espectáculo gratuito. Nada mais, nada menos do que um bando de meia dúzia de mancebos que, com as suas motos, ensaiavam acrobacias pelas desertas ruas do local. Pelos vistos já deveriam ser useiros e

vezeiros deste tipo de façanhas que também não passavam despercebidas às autoridades. Isto porque, pouco tempo volvido, eis que um carro patrulha estaciona junto deles, dando assim por findas as aventuras. O dia fora longo e de algum modo cansativo. Depois do banhinho reconfortante, fizemos o nosso piquenique da pré-madrugada, uma vez que já eram duas da matina, com o *cappuccino* e as bolachas da praxe.

5 de Agosto, sábado

Depois de uma noite mal dormida, despertámos por volta das cinco e quarenta e cinco, uma vez que o pequeno-almoço era às seis e meia. Comemos pão de baguete e um outro de mistura com um travo a especiarias, com manteiga *Président*, fiambre e queijo, que acompanhámos com café com leite e iogurte com pedaços de pêssego. Às sete e meia já íamos rumo ao principado do *Mónaco*. À nossa direita, uma placa toponímica assinala *Saintes-Maries-de-la-Mer*, em pleno coração da *Camargue*, que nos trás de imediato à memória *Santa Sara – Sainte Sara*. Tida como padroeira do povo cigano, a sua história remonta à génese do cristianismo. Conta a lenda que *Sara*, escrava egípcia de *José de Arimateia*, perseguida pelos romanos após a morte de *Cristo*, com *Maria de Magdala*, *Maria Salomé* e *Maria Jacobé* foi metida num pequeno barco sem remos e sem mantimentos e lançada ao oceano. Quis o destino que, depois de vogarem sem rumo por mais de trinta dias, miraculosamente aportassem na região do *Languedoc*, no sul de *França*, no local que mais tarde ficou conhecido precisamente como *Saintes-Maries-de-la-Mer*. Um grupo de ciganos que aí vivia socorreu as quatro mulheres que, em troca, lhes levaram a palavra de *Jesus*. Ainda hoje, *Sara*, padroeira do povo *Romani*, é venerada e aqui homenageada com grandes festejos, nos dias 24 e 25 de Maio, onde milhares de peregrinos acorrem em sua honra. Curiosamente, nos dias de hoje, e graças à fértil imaginação de um *sustentáculo de penteado* loiro, *Sara* é vendida como filha de *Cristo* e *Maria de Magdala*, tendo, inclusive, dado início a uma linhagem real (!). Esta tese, mesclada num imaginário *shaker* onde também figura o homem que deu vida ao mais enigmático sorriso de todos os tempos, vendeu como *água ao quartilho* e levou ao prelo inúmeras obras especulativas sobre este e outros sucedâneos e similares assuntos. Ó benditos tempos em que vivemos e onde tudo (?) é permitido. Até a asneira, na nossa modesta e humilde opinião!...

Deixemos os devaneios e regressemos à viagem. Meia hora depois da partida passávamos por *Arles*, cidade onde *Van Gogh* viveu e pintou, dizem, para cima de três centenas de quatros num espaço de quinze meses. Aqui terá bebido a inspiração para o seu aclamado *Os Girassóis*, que por aqui existem às catadupas. Sobretudo foi a luminosidade e o sol da *Provence* que inspiraram este mestre da pintura, que aqui chegou num dia de Fevereiro de 1888. Por volta das dez tomámos um cafezinho tirado de uma das abençoadas máquinas, que no-lo deu a troco de um euro e dez cêntimos.

Mas pregou-nos a partida! Apesar de termos pedido *non-sucré*, o que é certo é que estava adocicado, e, por via disso, mais de metade ficou por beber. Antes de continuarmos, ainda comprámos leite para o café da ceia e umas deliciosas bolachas de canela e açúcar de cana, de textura crocante e rugosa de nome *Le Bastogne*.

À nossa direita temos agora *Cannes*, a cosmopolita cidade de veraneio e cinefilia, habitada por cerca de setenta mil habitantes, para logo depois chegarmos ao principado dos *Grimaldi*. Deixámos o autocarro no parque que lhe estava destinado e, depois de termos subido dois lanços de escadas rolantes, entrámos no ascensor que nos transportou a mais outros tantos andares que nos fizeram chegar à porta do *Museu Oceanográfico - Musée Océanographique de Monaco*. Dali passámos à *Cathédrale Notre-Dame-Immaculée*, que sucedeu à *Igreja de Saint-Nicholas* destruída em 1874. Para além do túmulo de *Grace Kelly, Princesse Grace de Monaco*, repousa já a seu lado *Reinier III de Monaco*. Como eram já horas de almoço, fomos em busca do dito. Desta feita escolhemos meio pão de grande porte, recheado com frango e atum – *poulet-thon*, devidamente acondicionado entre fatias de tomate. Para não embucharmos, empurrámos com meio litro de *Evian* fresca. Com o estômago reconfortado, mas não aconchegado, fomos até ao já nosso conhecido *Carlino's*, nos números dezoito e vinte da *Rue Princesse Marie Lorraine*. Tomámos um expresso e saboreámos uma *tartine aux fruits rouges* com morangos, framboesas e mirtilos. Como o calor apertava e o sol teimava em tostar-nos a pele, deixámo-nos estar no aconchego do potente ar condicionado do estabelecimento. De onde só saímos perto da hora marcada para o encontro do grupo, às portas do *Museu Oceanográfico - Musée Océanographique de Mónaco*. Descemos depois até ao parque onde estava o nosso autocarro, e, menos de um quarto de hora depois, estávamos já a caminho de *Milão - Milano*. À nossa direita apreciámos o *Yatch Club de Monaco*, para depois *vestirmos a pele* de pilotos de *Fórmula Um*, quando passámos pela longa avenida de onde partem os bólides em dia de competição do grande prémio monegasco. No chão, pintadas de branco, lá estão as marcas para os carros tomarem as respectivas posições. Sempre a subir, seguimos para *Cap d'Ail* para regressar à auto-estrada. Por agora chega de *glamour*! À nossa direita, ainda tivemos tempo para uma furtiva espreitadela ao *Casino de Monte Carlo* e ao *Hôtel de Paris*, para, mais à frente, engolirmos em seco perante o esfuziante e aterrador cenário que do alto se desfruta sobre o principado. Os edifícios, altíssimos, parecem emergir da terra e estar pespegados ao solo por invisíveis cabos de aço ou gigantescos grampos. Antes de passar *Menton*, localidade anichada entre o principado do *Mónaco* e a riviera italiana, num autêntico anfiteatro de montanhas aberto para o mar, ainda invejámos os hóspedes do *Vista Palace Hotel*, situado a mais de trezentos metros de altura sobre o *Mediterrâneo* e sobranceiro ao rochedo dos *Grimaldi*, numa reentrância ao alto de um íngreme penhasco. De cortar a respiração!...

Estamos agora muito próximos da fronteira italiana de *Ventimiglia*, que passámos pouco depois. Se em território francês as placas toponímicas eram de cor azul, são agora verdes. Para trás vão ficando os muitos e sucessivos túneis que entrecortam as montanhas. Vamos descendo pela riveira italiana, com o mar da *Ligúria* à nossa direita. Assim vamos até cerca de *Génova - Genova*, para depois virarmos para o interior. Cruzamos *San Remo*, capital da riviera transalpina e cidade do homónimo festival da canção, com as suas praias de negra areia, que nos brindou com alguma chuva. O ponteiro do relógio marcava quatro e meia da tarde quando passámos em *Varese*, onde a chuva nos reaparece, agora em força. Mas não vinha sozinha! Com ela, zigzagueantes relâmpagos riscavam os céus cor de chumbo carregado para se precipitarem mar adentro. Pelo menos assim parecia! Mas tudo estava bem para nós, que íamos muito bem instalados e refastelados, até porque o tejadilho do autocarro não estava roto e nós continuávamos enxutos!...

Perto de *Génova - Genova* virámos à esquerda, para a região dos *Apeninos*, para depois seguirmos para *Milão*. Ainda deu para espreitarmos de longe a bela cidade portuária, que se diz ter sido berço de *Colombo*. Não sendo o chá das cinco, foi o *cappuccino* das cinco, tomado numa área de serviços da *Autogrill*, bem tirado, fumegante, que nos foi entregue num copo de esferovite para não arrefecer. Chegámos a *Milão - Milano* por volta das sete menos um quarto da tarde. Como só tínhamos uma hora por nossa conta antes de ir para o hotel, nada melhor do que começar com um salivante gelado de dois sabores – *una coppeta piccola di cioccolato e mentacioccolato* - que comprámos no *Caffè L'Antico Ambrosiano*, na *Piazza del Duomo*, paredes-meias com *il Duomo - a Catedral* - e que nos foi preparado por um não menos suculento empregado com uma *sexy* barbicha que lhe ficava *mesmo a matar!* Pela *piazza* fomos sorvendo a iguaria, enquanto íamos arregalando o olho perante a paisagem masculina que nos ia surgindo pela frente, verdadeiramente *de tirar o fôlego* e nos *deixar a arfar!* Desde o vendedor dos gelados ao homem do quiosque, sem esquecer os polícias, todos nos deixaram sem palavras. *Pedaços de mau caminho!*... Ainda espreitámos as lojas de grande nomeada, agora prestas a encerrar – *Prada, Ferrari, Louis Vuitton* e, pasme-se, uma *Zara*. Depois de uma ida até às *Galleria Vittorio Emanuele*, voltámos para trás pois já eram horas de regressar ao autocarro. Íamos agora para o hotel, situado bem longe do centro da cidade. Já eram horas de jantar e os estômagos *reclamavam alto e em bom som*. Foi só colocar as malas nos quartos e descer à sala de refeições. O hotel era muito bonito e acolhedor, pena que ficava muito próximo da placa de saída da cidade, por conseguinte longe do centro e da animação. Mas depois do jantar descobrimos o tipo de animação que por estas paragens havia. Mas fica para mais logo, que agora vamos comer! Começámos com uma *minestrone*, uma deliciosa sopa de legumes com massa, bem típica da cozinha italiana. A que se seguiram duas fatias de vitela estufada, com

molho de tomate e acompanhadas com puré de batata. Para sobremesa veio uma pequena tigela com semi-frio de frutos do bosque, coberto com um acidulado molho de framboesa. Uma cestinha com variados tipos de pão – com sementes, branco, escuro, fatiado - enfeitava as mesas. Para acompanhar o repasto pedimos uma garrafa de água fresca. Se o hotel era, de facto, muito bom, o mesmo não se pode dizer dos *surroundings*. Depois do jantar fomos dar uma volta pelas redondezas, primeiro para baixo, pela rua que indicava a saída para *Monza*, e pudemos constatar que, após meia dúzia de metros, lá estava a placa que dava por finda a cidade. Decidimos depois subir e ver até onde o caminho nos levaria. Aqui é que descobrimos a tal *outra animação* de que há pouco falávamos. É que logo abaixo do hotel, a escassos metros, numa esquina recôndita, deparámos com dois *travestis* de fazer inveja a muita briosa fêmea. O da direita, morenaço, corsário branco que deixava antever voluptuosas formas, calçava ténis *Nike* preto de calcanhar vermelho em jeito de amortecedor. Mas o melhor estava para vir! É que a criatura tinha o tórax coberto por uma colante camisola acinzentada, que tinha a particularidade de deixar de fora e à mostra um par de reboludas, erectas e *silicónicas* mamas, em cuja esquerda se via uma tatuagem!... Como se de mercadoria exposta se tratasse, assim sem mais nem menos, sem pudores nem rubores! O cabelo era negro e escorrido pelos ombros, contudo, as grosseiras feições e os carnudos e decerto *colagénicos* lábios denunciavam estarmos presente um exemplar do sexo masculino. Quanto ao da esquerda, era um verdadeiro susto! Se o da direita até era curvilíneo e jeitoso, este era um autêntico terror. Um autêntico e genuíno *saco de batatas mal atado*!... Louraço e bem feioco, exibia uma diminuta mini-saia que deixava à mostra um par de musculosas e arqueadas coxas, para não dizer obesas. Maneiras femininas era coisa que não tinha, uma vez que o apanhámos a sair de trás de uns arbustos, onde provavelmente deve ter ido urinar, sem quaisquer cerimónias a *ajeitar o material* dentro das cuecas!... Enfim, lá teriam os seus clientes, mas estavam de costas voltadas e assim iam apregoando os atributos aos transeuntes que ousavam demandar aquelas paragens e atravessar as suas coutadas. De volta ao quarto, e depois do relaxante banho, lá degustámos o nosso cafezinho com leite e as bolachinhas da ordem. Só depois fomos dormir, tentando esquecer a dantesca visão que havíamos testemunhado.

6 de Agosto, domingo

O pequeno-almoço foi às sete da manhã. À semelhança do jantar da véspera, tínhamos à disposição vários tipos de pão – pequeno, integral, normal, branco, do tipo espanhol e um outro, fatiado e com sementes de sésamo e soja, que comemos com queijo, fiambre e manteiga, acompanhado pelo imperdível café com leite. Pouco depois retomámos o périplo, que agora nos levaria até solo austríaco, sendo *Innsbruck*, a capital do *Tirol*, o nosso primeiro destino de paragem. Íamos visitar esta belíssima cidade

atravessada pelo rio *Inn*, grande centro de desportos de inverno, cujo nome deve ao rio que a banha, uma vez que, traduzindo à letra, temos qualquer coisa como *ponte do rio Inn*. Mas voltemos à viagem! Por volta das nove da manhã passámos por *Brescia*, e, pouco mais de meia-hora depois estávamos ao largo de *Verona*, em plena região do *Veneto*. Como já iam sendo horas, ao raiar das dez, numa das fabulosas áreas de serviço da já nossa conhecida *Autogrill*, encravada no meio de umas montanhas rodeadas de bem cuidados vinhedos, bebemos um reconfortante *cappuccino*. Espreitando a loja contígua, pela primeira vez vimos embalagens de *spaghetti* e *pasta* avermelhada, em cuja composição figuravam, pasme-se, malaguetas!... Mas não era tudo! Pelos vistos, por aquelas paragens estas pimentas eram rainhas. É que, para além das *pastas*, também havia tabletes de chocolate com as ditas.

Por volta da uma da tarde, algures numa paisagem de montanha, almoçámos uma frugal sandes de um interessante pão chapado, de cujo interior espreitava uma *generosa* fatia de queijo e um panado de frango – *cotoleta*, como estava identificada. Foi-nos passada para a mão depois de ter sido torturada numa tostadeira até que o queijo se escapasse em deliciosos fiapos. Estava, de facto, bem saborosa. Aquela combinação de frango com queijo era quase perfeita, e fizemo-la *escorregar* com água fresca. Fomos depois à casa de banho, onde presenciámos uma cena digna do melhor *vaudeville*. A *chefona* do *staff*, vendo que a fila de mulherio nos lavabos nunca mais acabava, vai de perguntar à senhora que à porta recolhe as moedas deixadas pelos utentes o que está a passar-se. Ao que esta lhe responde que nem todos os sanitários estão abertos, o que torna, naturalmente, a *coisa* mais morosa. Não contente com a resposta, a mandona, em cuja sobrancelha direita espreitava um *piercing* encravado, vocifera um acalorado *porca putanna!*... Hoje o dia estava repleto de surpresas! Já cá fora, enquanto aguardámos para entrar no autocarro, foi-nos dado ver um cenário bem caricato. Um grupo de orientais, presumivelmente japoneses, almoçava junto ao autocarro que os fazia transportar. Mas não era um almoço qualquer! Tinham serviço *à la carte*, disponibilizado por um expedito mancebo que, numa não muito grande mesa rectangular, ia colocando as iguarias, bem estranhas, por sinal. Vamos à descrição: talhadas de melancia, folhas de alface, fatias de *pizza* ou algo semelhante, e aquilo que, à distância, nos pareceu ser uma qualquer leguminosa – feijão, grão ou lentilhas. Pela cara dos convidas, até deveria ser uma combinação deliciosa, ou, então, a fome é mesmo *negra!*...

De volta à estrada, constatamos que as paisagens são agora fascinantes. Milhares de pinheiros emergem do solo atapetado de verdes prados, aqui e além entrecortados por plantações de milho. Lugarejos descem pelas encostas dos montes, de quando em vez pintalgados de neve nos cumes. Estamos a meia centena de quilómetros de *Innsbruck*, com os montes *Dolomitas*, que constituem uma parte dos *Alpes*, à nossa

direita. Os chalés de montanha, revestidos de madeira, exibem inúmeras floreiras repletas de multicoloridas flores. Um deslumbramento! Algumas igrejas, de peculiar arquitetura e afilados campanários, vão decorando o paradisíaco cenário envolvente, de onde refrescantes cascatas se precipitam do alto das montanhas. Estamos agora às portas da *Áustria*, mesmo junto à fronteira de *Brenner*, denominada *Brennerpass*, por onde entramos pouco depois das catorze e trinta. Aqui foi necessário adquirir uma espécie de caixa para colocar no vidro do autocarro e que, à semelhança dos vulgares telemóveis, está carregada com determinado pecúlio que vai sendo descontado à medida que se passa pelas portagens das auto-estradas. Dir-se-ia que é uma espécie de *Via Verde*. Passadas estas formalidades, retomámos a nossa viagem rumo a *Innsbruck*, a cerca de quarenta quilómetros da fronteira. O *plateau*, deslumbrante, causa-nos arrepios pelo corpo. A estrada quase roça os picos das montanhas e, à nossa direita, abruptas gargantas terminam em lugarejos bem aconchegadinhos e alinhados.

Innsbruck é, sem sombra de dúvidas, uma cidade magnífica! Para nós era uma estreia, uma vez que, já tendo estado na *Áustria*, nunca por estas bandas tínhamos andado. Fomos recebidos com tímidos pingos de chuva, que, felizmente, depressa se dissiparam. Não tínhamos muito tempo, uma vez que quase duzentos quilómetros nos separavam ainda de *Salzburg*, onde iríamos pernoitar.

Caminhámos até ao centro da cidade velha, onde fomos apreciando um misto entre o gótico e o barroco nas construções que povoam o local, até chegarmos à maior atracção turística da cidade – o *Telhado de Ouro* – *Goldenes Dachl*.

Aqui as casas medievais apresentam uma profusão de cores pastel, com varandas lindamente ornadas de coloridas flores, dispostas em floreiras suspensas nas janelas e varandas. Chegámos, por fim, ao famoso ícone turístico. Foi mandado construir pelo Arquiduque *Friedrich IV*, no início do século XV, como residência dos soberanos tirolezes. As fachadas ostentam, no primeiro piso,



acima das duas colunas do rés-do-chão, dois guerreiros armados de espada que se enfrentam, estando, no entanto, separados por janelas com vidros que lembram fundos de garrafa unidos. O da direita, flecte o joelho direito e eleva o braço do mesmo lado acima da cabeça, ameaçando, embora a alguma distância, o seu oponente. À sua frente, numa espécie de escudo de armas, vemos um enorme pássaro vermelho de espécie indecifrável. Pelo menos para nós. O da esquerda, firme e hirtó, exhibe uma espada na mão direita, contudo, em posição pacífica. Também à sua frente está um escudo de armas, com uma enigmática ave preta em fundo amarelo, que, no entanto, quase nos pareceu uma águia. Quanto ao segundo piso, por trás de quatro colunas, numa cena da corte pintada numa das paredes, vemos figuras femininas e masculinas ricamente vestidas. Pelo menos assim se nos afigurou, dada a distância a que nos encontrávamos, apesar dos bicos de pés e dos pescoços bem esticados. Por fim, ao alto, lá estava o celeberrimo telhado de ouro, diríamos que quase similar a um pagode chinês. Este apêndice foi mandado construir mais tarde, pelo imperador *Maximilian I*, como balcão real de grande luxo para que pudesse apreciar comodamente os torneios que decorriam na praça logo abaixo. Foram utilizadas mais de duas mil e setecentas placas de cobre dourado que lhe dão o aspecto de ouro puro que exhibe. Actualmente é uma loja de três pisos, bem no meio da praça central do coração da cidade velha. Antes de partirmos, ainda tomámos um café com um dedalzinho de leite num típico café das redondezas. No caminho para o autocarro fomos apreciando as casas de arquitectura quase medieval, algumas delas parecendo estar em equilíbrio precário e bem tortas. Já em viagem, mas ainda dentro desta cidade olímpica, apreciámos a magnífica rampa de esqui que lhe está sobranceira. Isenta de neve por esta altura, a pista é de dor verde e ergue-se, altiva e orgulhosa, bem por cima da cidade. De seu nome *Bergisel Sprungschanze*, sucede à anteriormente ali existente e que, em tempos, servira de palco a jogos olímpicos de inverno. Data de há pouco mais de quatro anos e tem perto de cinquenta metros de altura, encimados por uma gigantesca cabine de vidro, cujo interior, desgraçadamente, não nos foi dado ver. Fica para uma próxima oportunidade! Já quase à saída da cidade, passámos por um enorme e novíssimo complexo, em cuja fachada reluzem os anéis olímpicos. Será, eventualmente, uma espécie de pavilhão multiusos, muito embora certamente concebido para competições olímpicas. Mas não só, a fazer fé pelo enorme cartaz que tinha numa das fachadas, publicitando um concerto da *Pink*.

Por volta das cinco da tarde, sob uma torrencial chuva entrámos por breves quilómetros em território alemão, para depois regressarmos a solo austríaco e continuar até *Salzburg*. Onde chegámos debaixo de um quase diluviano aguaceiro. Mesmo assim iniciámos a visita da cidade, que nos levaria, primeiramente, à casa onde *Mozart* nasceu. Para lá chegarmos atravessámos a ponte sobre o rio *Salzach* e fomos caminhando, sempre debaixo de chuva, até chegarmos à habitação que, há 250 anos, viu nascer o

grande compositor. Sita à *Getreidegrasse*, no terceiro andar habitavam os *Mozart* e aqui nasceram os seus sete filhos, incluindo o génio *Wolfgang*. Actualmente de cor amarelo-torrado, foi destruída por completo aquando da *II Guerra Mundial*. A reconstrução actual foi fiel à original. Não entrámos desta vez, até porque já a conhecíamos. Mas também, àquela hora, há muito terminara o horário para visitas. Mesmo ao lado, no número sete da *Getreidegrasse*, está um interessante museu de figuras de cera. Denominado *Miracle's Wax Museum*, inaugurado em 2005, é único no género na cidade e permite ao visitante viajar ao passado. Dispõe de mais de cem figuras e instalações multimédia, que reproduzem, por exemplo, cenas da vida à época de *Mozart*. Entre as figuras que podemos encontrar estão *Herbert von Karajan* e a mundialmente famosa família *von Trapp*. Ficámo-nos pelo átrio da entrada, contíguo a uma loja que visitámos, e onde marcava presença uma figura masculina envergando um traje coberto de penas e toucado idêntico, que leva aos lábios uma flauta de *pan*. Dali passámos à catedral, já encerrada, em cuja frente estava instalado um anfiteatro para os inúmeros concertos das comemorações *mozartianas*. Instalada na *Praça da Catedral – Dom Platz* – é de estilo renascentista tardio com influências barrocas, de cor beije e exhibe três cúpulas esverdeadas. As estátuas da fachada, em mármore, veneram os santos *Ruperto*, *Pedro*, *Paulo* e *Virgílio*. Mais acima podemos ver os evangelistas, que representam o *Novo Testamento*, e, ainda, *Moisés* à esquerda e *Elias* à direita, que simbolizam o *Antigo Testamento*. A estátua mais ao alto, sob a esquerda, representa *Cristo Salvador*. Indo mais para norte chegámos à maior praça da cidade, a *Praça da Residência – Residenzplatz* – em cujo centro está a fonte da residência – *Residenzbrunnen*, em mármore idêntico ao dos evangelistas da fachada da catedral. A residência que aqui testemunhamos foi, em tempos, sede de governo de príncipes e arcebispos, desde o século doze até ao início de mil e oitocentos. Daqui vamos dar à *Praça de Mozart – Mozartplatz*. Salta à vista a estátua do compositor, aqui erigida em sua honra e inaugurada com a presença dos seus descendentes em 1842. Era quase hora de regresso ao autocarro, para o jantar que nos aguardava no hotel. Ainda espreitámos a *Fortaleza de Hohensalzburg – Festung Hottensalzburg*. Medieval, branca, com torres encimadas por ameias e cúpulas acastanhadas, ergue-se ao alto e sobre a cidade. Para lá chegar, são-nos dadas duas alternativas. A primeira é subir pelo abrupto caminho pedonal que parte da catedral e cruza a *Praça do Capítulo – Kapitelplatz*, para depois seguirmos pela pequena *Festungsgasse* e embrenharmo-nos montanha acima. Para os menos corajosos há um funicular, cuja estação inferior se situa ao início da *Festungsgasse*, à direita. Funciona desde 1892, sendo que, no início, funcionava através de um engenhoso princípio da física. Ou seja, o vagão da estação superior bombeava água até estar mais pesado do que o inferior, e, deste modo, permitia que este subisse. A partir dos anos sessenta a subida passou a efectuar-se por via de um motor eléctrico que ali foi

implantado. Findas estas visitas, fizemos o caminho de regresso até ao autocarro que nos levaria ao hotel, um pouco distante do centro da cidade. Aliás, deveras interessante. Rústico, com acabamentos de madeira, tinha três pisos, e, desgraçadamente para os mais calaceiros, não tinha elevador. Guardámos as malas nos quartos e de imediato descemos para jantar, numa sala não muito grande, com mesas corridas e tecto com pinturas de flores. Começámos com uma peculiar sopa, que mais não era do que um aguado caldo de ervas aromáticas, que um empregado nos ia vertendo nas tigelas que já tínhamos à nossa frente. O processo era engraçadíssimo, uma vez que, em cima de um tabuleiro redondo, vinham uma espécie de copos de alumínio com uma asa, que continham dentro do dito caldo. À distância parecia-nos ser uma sopa de grão ou feijão, pois víamos uma espécie de bolinhas a flutuar. Descobrimos depois que eram uns cubinhos de pão torrado, que emprestavam à sopa não só um agradável aspecto visual como um travo crocante. Veio depois o tradicional prato austríaco *Wiener Schnitzel* – um bife de porco panado, acompanhado com batatas cozidas e cenoura ralada em vinagreta, quase à semelhança do *choucroute*. Para sobremesa veio um prato com frutas, onde se viam maçãs, pêssegos, nectarinas e damascos. Escolhemos os segundos e os últimos.

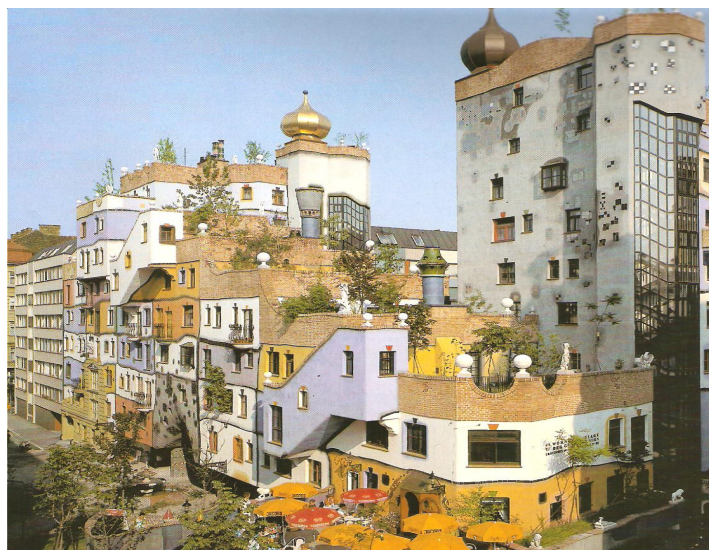
Depois do jantar, e quando nos aprestámos para ir dar uma volta até ao centro da cidade, apercebemo-nos que a chuva caía a cântaros. Mas não seria por isso que deixaríamos de ir dar a nossa volta. E assim fizemos, de facto. Apanhámos o autocarro, cuja paragem era bem na frente da porta do hotel, e depressa nos vimos bem perto da praça da catedral, por onde fomos passeando calmamente, agora já sem chuva. Por toda a parte se viam pessoas elegantemente vestidas e calçadas, que certamente vinham dos inúmeros concertos que pela cidade decorrem até ao final do mês de Agosto, no âmbito do *Festival Mozart*. As senhoras de sapato de salto agulha e *chiquérrimos* vestidos, tendo pelas costas uma *écharpe* ou estola, até porque estava frio e chuva, e os cavalheiros de fato escuro e laço ou gravata. Mas pudemos reparar que, apesar de ricamente vestidos, vinham todos munidos de capa plástica ou simples chapéu-de-chuva e dirigiam-se para as paragens de autocarro. Não se viam carrões ou limusinas, nada disso! Ora se estivéssemos na *Lusitânia* era exactamente o contrário. O que é preciso é mostrar, ostentar, exhibir... É nestes pequenos grandes detalhes que se distinguem os povos – os que evoluem e os que não *passam da cepa torta!*... É aqui que está o verdadeiro *Jet Set*. Não o das aparências, mas o das mentalidades!... Fomos depois até ao número nove da *Alter Markt*, onde fica o fabuloso *Café Tomaselli*, simplesmente o café mais antigo da *Áustria*. Entre a sua clientela famosa, antes de nós, claro, figuram nomes como *Mozart*, *Haydn* ou *Stauss* e, nos temos mais próximos, *Herbert von Karajan* e *Nikki Lauda*. Aqui tomámos o nosso *cappuccino* da praxe, que, por estas bandas, se pede como *tasse melange*. Não nos demorámos muito por aqui, uma vez que sabíamos que o último autocarro era às 23.30 horas. Uma vez na paragem, e sabendo

qual o número que tínhamos que apanhar para o regresso, ficámos à espera de o ver chegar, o que não havia meio de acontecer. Como ainda era longo o caminho de regresso, pelo menos para ser feito a pé, decidimos apanhar um táxi que acabava de estacionar à porta de um hotel. Como estava livre, aproveitámos a deixa. O pior foi quando o motorista nos perguntou, supostamente em Alemão, para onde queríamos ir. É que ninguém se lembrava do estranhíssimo e quase impronunciável nome do hotel. Valeu-nos a chave do quarto, que, por via da sua rusticidade, era enorme e tinha acoplada uma não menor placa de plástico, vermelha, onde estava escarrapachado o nome. Mostrada ao condutor, este vociferou entre dentes algo que não entendemos e lá seguiu viagem. Com um suspiro de alívio lá chegámos ao bendito hotel, já fechado e às escuras, mas que sabíamos ter aberta uma porta das traseiras para hóspedes tardios. Por lá ascendemos ao nosso quarto e, depois do nosso banheiro, deixámo-nos estar um bom bocado na conversa e a tomar o *cappuccino* da sossega, acompanhado com bolachinhas de cereais, frutos secos e chocolate. Lá fora, a chuva caía agora em fortes bátegas. Mesmo por trás do quarto, uma ribeira, agora engrossada pela chuva, corria veloz sob um ruído matraqueado. Valeram-nos as janelas duplas do quarto, quando não, por via do barulho, ninguém teria conseguido *pregar olho*.

7 de Agosto, segunda-feira

Levantámo-nos às seis da manhã e ao pequeno-almoço comemos iogurte de morango e pãezinhos redondos com manteiga e fiambre e bebemos café com leite. Íamos agora a caminho de *Viena*, debaixo de uma chuva medonha. Por volta das nove horas, como o corpo já pedia cafeína, numa magnífica área de serviço do grupo *Rosenberger* tomámos um café pelo qual pagámos a módica quantia de 2,30€. Mas não foi fácil liquidar a dívida. Pedi-lo, até nem foi difícil, porque *expresso* dito com algum sotaque é fácil de ser entendido. O pior foi quando perguntámos o preço e uma roliça empregada de meia-idade nos diz, num dificilmente entendível alemão com mistura de inglês, qualquer coisa que, de todo, não percebemos. Parecia um diálogo de surdos e anormais. O dois ainda se percebeu, o pior foi o trinta. A criatura só dizia qualquer coisa como *saty* ou *faty*, e nada de nos entendermos. Até que se *fez luz*: estendemos-lhe a mão repleta de moedas e a dama retirou o que precisava. Aí percebemos que era trinta – *thirty* - , dito num Inglês com cerrado sotaque Alemão. Até era simpática a criatura. Alta, roliça, de um loiro platinado, tinha os cabelos presos ao alto com uma mola castanha e vestia um traje típico de saia de balão com peitilho, de padrão axadrezado azul e branco. Por baixo trazia uma blusa branca de manga tufada e o já rugoso pescoço estava enfeitado com um colar de contas pérola que dava duas voltas. Demos depois uma volta pela loja, com topo o tipo de *souvenirs* e bolachas e chocolates de todos os tamanhos e feitios, em tabletes ou bombons. Tudo pela hora da morte! Preços europeus,

pouco ou nada compatíveis com lusas bolsas. Porque lhe achámos piada, comprámos um pequeno chapéu-de-chuva desdobrável, que tinha a particularidade de ter estampada uma partitura, ou, pelo menos, uma pauta de música. Veio connosco porque era castiço, no aspecto e o preço – 7,90 €. Antes de retomarmos a viagem, numa ida à casa-de-banho, reparámos numa máquina fornecedora que, a troco de um punhado de euros, fornecia preservativos e, pasme-se, vibradores (?!). Voltámos à estrada debaixo de chuva e com uma temperatura que nada tinha de estival e chegámos à capital austríaca por volta das onze e meia. Parámos na *Praça Albertina - Albertina Platz* - e foi-nos dada hora e meia para almoço antes de efectuarmos a visita da cidade com guia local. Como por ali havia um estabelecimento do já nosso conhecido grupo *Rosenberger*, ficámos por lá. Comemos uma sanduíche em forma de quarto de lua com fiambre, queijo, alface e tomate e bebemos uma água fresca. Para a sobremesa escolhemos uma generosa fatia de um bolo com chocolate e amêndoa, assente numa cama de massa folhada e coberto com uma capa de chocolate. À hora estipulada lá fomos fazer a visita da cidade com a guia local, de nome *Renata*. Começámos pela fachada ópera – *Wiener Staatsoper*, mesmo ao lado da *Praça Albertina - Albertina Platz*, onde iniciámos o percurso. É actualmente um belíssimo edifício, depois de ter sido praticamente destruída no dia 12 de Março de 1945, pouco antes do fim da *II Guerra Mundial*. Virando à direita, damos de caras com a estátua do obeso *Goethe*, a que se seguiu a do já mais elegante *Mozart*, à esquerda e para lá dos portões de um belíssimo jardim. Seguiu-se o *Museu de História da Arte - Kunsthistorisches Museum*, em cujo interior se pode apreciar um vastíssimo acervo que vai desde *Van Eyck, Dürer, Caravaggio, Rubens, Vermeer, Brughel* e tantos outros. Depois o *Parlamento – Republik Österreich Parlament*, a que se seguiu a *Câmara Municipal – Rathaus*, e, quando damos conta, estamos à porta do famoso *Landtmann*, o café onde foram filmadas *as tertúlias* de *Bárbara Guimarães* e *António Vitorino de Almeida*. Fomos depois até à *Igreja Votiva – Votivkirche*, mandada erigir pelo Arquiduque *Ferdinand Max* em acção de graças pela vida de seu irmão, o Imperador *Franz Joseph* que sobreviveu a uma tentativa de assassinato. Vamos agora pela *Ringstrasse* sob uma chuva torrencial. Esta monumental artéria tem a forma circular, uma vez que foi construída no lugar das antigas muralhas romanas da cidade. À esquerda temos um canal do *Danúbio – Donau*, com o edifício da *OPEC - Organization of the Petroleum Exporting Countries – Organização dos Países Exportadores de Petróleo*. Aproximava-se a hora da primeira paragem para uma visita mais demorada. Um dos *ex-libris* da cidade e local de visita obrigatória de qualquer turista que se preze.



Falamos da casa projectada pelo pintor e arquitecto *Friendensreich Hundertwasser*, por muitos considerado como um dos mais ilustres e excêntricos criadores da arte contemporânea. Porquanto sempre se declarou figadal inimigo das linhas rectas e adepto das fachadas profusamente coloridas, construiu a magnífica habitação de meia dúzia de pisos que nos aprestávamos a visitar, edificada em 1985. Ficámos, de facto, espantados com o que nos foi dado ver. Era impressionante ver as linhas divisórias dos andares dos apartamentos separadas por fileiras de azulejos partidos. Mesmo em frente, um outro edifício feito à imagem e semelhança, é um pequeno centro comercial com pouco mais de uma dúzia de lojas e cafés. Aqui foi-nos dado algum tempo livre para melhor apreciarmos o local.

Pena que a forte chuva não nos deixou alongar nas visitas. Sentada no balcão de um pequeno café, a nossa guia sorvia tranquilamente uma garrafa de água, quem sabe se para afinar as cordas vocais. Aproveitámos para a mirar convenientemente. Alta, magra, os cabelos curtíssimos e alourados estavam quase colados ao crâneo. Vestia calça de ganga e *sweter* preta, calçava ténis igualmente negros e tinha a orelha esquerda enfeitada com três bincos.

Fomos depois até ao *Palácio de Belvedere – Österreichische Galerie Belvedere*, onde começámos por apreciar o grande lago circundado por relva e coloridas flores, enquanto caminhávos até à fachada deste barroco castelo propriedade do *Príncipe Eugénio - Prinz Eugen*⁶. Mas não foi nada pacífica esta visita. A chuva,

⁶ (...) *Príncipe Eugénio de Sabóia, aclamado estratega militar amplamente condecorado, graças às inúmeras e vitoriosas campanhas bélicas. Por exemplo nos Balcãs, quando repeliu a ameaça turca.*



torrencial, vinha tocada por um vento fortíssimo que nos voltava do avesso os pobres dos chapéus-de-chuva. Ainda fomos até ao outro lado, à zona ajardinada onde se encontram as celebérrimas e voluptuosas esfinges, com corpo de cavalo, patas de felino, poderosas asas de uma espécie de ave de rapina e rosto feminino ornado de cabelos em cachos. No peito dois arredondados seios, que, dizem, se forem tocados de mão aberta, nos trarão sorte e farão com que, mais cedo ou mais tarde, ali retornemos⁷. Enfim, crendices!... Por ali terminava a visita da cidade. O tempo foi padrastró e não ajudou ao passeio. Mas, mesmo assim, haviam passado quase três horas desde o início do périplo. Sob uma chuva torrencial

recolhemos ao hotel. Como o jantar era só as dezanove e trinta e o tempo não estava convidativo, deixámo-nos estar no quarto e até dormimos uma soneca. Dir-se-ia que era uma *siesta* tardia.

O jantar era *buffet* e, de entre as iguarias à escolha, optámos por peitos de frango estufados e regados com um aveludado molho, enfeitados com uma folha de manjeriço, que acompanhámos com uma espécie de *risoto* com cenoura, feijão verde e couve-flor, tudo muito soltinho e bem apaladado. Deitámos depois o olho a umas almôndegas, que até tinham um aspecto convidativo, mas que, desgraçadamente, constatámos que eram de fígado!... Ainda comemos feijão verde cozido ao vapor, tomate às rodelas, *pickles* de couve-flor e uma salada de repolho que, à imagem da sua congénere *choucroute*, estava bem avinagrada. Nas mesas havia água e umas cestinhas

Dizem as bocas negras que nada ficou a dever à beleza. Solteirão de uma fealdade chocante, como se isso não bastasse, era senhor de uma volumosa protuberância nas costas, vulgo marreca e mirolho. (...) In *Millenium*, nº 17, Janeiro de 2000.

⁷ (...) *Dos jardins, que pudemos percorrer e admirar, avista-se a Catedral de Santo Estêvão e os celebérrimos Bosques de Viena, imortalizados nas partituras de Strauss. Aí, podem observar-se grandiosas figuras mitológicas de pedra, de uma anatomia estranhíssima. Aladas, corpo de felino, mas busto e face femininas. Diz a lenda que, quem tocar os seios das esfinges com a palma da mão bem aberta, regressa breve a Viena e é amplamente bafejado pela sorte... (...)* Idem.

com vários tipos de pão, com ou sem sementes. À sobremesa comemos uma salada de frutas com melão, uvas, maçã, manga, papaia e laranja, acompanhada com *chantilly*. Depois do jantar fomos dar uma volta pela zona. Debaixo de uma chuva intensa e um vento que nos arrastava, descemos até ao *Volkstheater*, para depois voltarmos para trás e subirmos até à *Igreja Votiva – Votivkirche*. O tempo piorava a olhos vistos, e, assim sendo, não nos aventurámos mais. Quedámo-nos pelo *Helmut Sachers Kaffé*, onde, calmamente e espreitando a intempérie que fazia lá fora, degustámos um *cappuccino*. O tal que aqui se pede por *tasse melange*. Recolhemos ao quarto *a toque de caixa* e corridos pela ventania. Antes de dormir e depois do banho que não pode faltar, ainda tivemos ganas de tomar um cafezinho com leite e trincar umas bolachinhas de soja.

8 de Agosto, terça-feira

Como hoje tínhamos o dia livre e por nossa conta em *Viena*, levantámo-nos um pouco mais tarde. Só às nove e um quarto fomos tomar o pequeno-almoço, que reparámos estar servido com grande requinte e aparato. Enormes taças de iogurte com frutos estavam dispostas em local central, rodeadas de tigelas mais pequenas onde se via uma enormidade de frutos secos para acompanhar. Nozes, amêndoas, bananas, *muesli* e tantas outras que, pelo aspecto, de todo não conseguimos identificar. Havia chás de todas as cores e aromas, manteiga, margarina magra, sumos de frutas, carnes frias, vários tipos de queijos e muita fruta fresca. Começámos com iogurte de frutos do bosque e comemos depois pão de vários feitios com *Becel* e bebemos café com leite. Enquanto comíamos, reparámos que, mesmo ao alto, por cima das nossas cabeças, estava colocado um crucifixo de razoáveis dimensões. Foi a primeira vez que vimos um, na nossa já longa vida de turistas. Bíblias nas mesinhas de cabeceira, já era habitual, mas um crucifixo era inédito. Saímos depois pela *Câmara Municipal – Rathaus*, atravessámos a *Rathaus Platz* e, pela *Dr Karl Renner Ring* chegámos ao *Parlamento – Republik Österreich Parlament*. Continuámos pela *Burgring* e passámos ao lado do *Museu de História Natural – Naturhistorisches Museum* e *Museu de Belas Artes – Kunsthistorisches Museum*, devidamente separados pela *Maria-Theresien Platz* com uma imponente estátua da *Imperatriz Maria Teresa* ao centro, para depois espreitarmos a estátua de *Mozart* no *Hofburg Burggarten*.



Subimos depois pela *Goethegasse* até à *Praça Albertina - Albertina Platz* – e, quando demos conta, estávamos à porta da *Igreja dos Capuchinhos – Kapuziner Kirche*. Que não visitámos demoradamente, mas pudemos constatar que, à saída, do lado esquerdo, se encontrava uma sepultura identificada como sendo de *Marco de Aviano*. Como, de todo, nos era desconhecido, aguçou-nos a curiosidade para querer saber de quem se tratava. Ficou a promessa de o fazer quando do nosso regresso. Mas não foi preciso esperar tanto! Mesmo em frente à sua tumba, numa espécie de pequena bancada, reparámos que se encontravam uns folhetos amarelos escritos em vários idiomas. Escusado será dizer que não existiam em *Português*! Lido o prospecto em castelhano,

entendemos por bem fazer um pequeno resumo da sua vida, que agora convosco partilhamos.

Nasceu em *Aviano* a 17 de Novembro de 1631 e, nesse mesmo dia, foi baptizado com o nome de *Carlo Domenico*. Na sua terra natal recebeu uma boa formação cultural e espiritual, que depois aperfeiçoou no *Colégio dos Jesuítas* em *Gorizia*, a par de uma cultura clássica e científica, e intensificou sua vida de piedade participando em congregações Marianas. Entrou na *Ordem dos Capuchinhos*, onde foi recebido no noviciado em Setembro de 1648, emitindo em 21 de Novembro do ano seguinte os votos religiosos com o nome de *Marco d'Aviano*. Foi Superior do *Convento de*



Belluno em 1672, para, em 1674, dirigir a comunidade de *Oderzo*. A sua fama tornou-se ainda maior quando foi enviado para pregar no mosteiro paduano de *São Prodocimo*, onde, para além da força da sua palavra, consegue a cura de uma senhora doente havia treze anos. Aliado dos imperadores cristãos, chegou a tomar parte em campanhas militares onde o seu apostolado se tornou muito conhecido. Teve acção preponderante na paz da *Europa*, promovendo a unidade das potências católicas para a defesa da fé cristã, então ameaçada pelo poder otomano. Interrompeu a sua actividade apostólica por motivos de saúde, e morreu em 13 de Agosto de 1699, assistido pelo *Imperador Leopoldo* e pela *Imperatriz Leonor*, apertando nas mãos um crucifixo. Uma vez que todos queriam ver os seus restos mortais, o Imperador mandou que o seu funeral se realizasse apenas no dia 17, não longe do túmulo imperial. Com uma mensagem de conversão e de fé que a todos dirigia, insistia na necessidade de salvaguarda da identidade cristã da *Europa* através do seu apostolado e da sua oração. Por isso lhe chamaram *o médico espiritual da Europa*.

Para além do seu importante papel na resistência cristã contra o avanço islâmico na *Europa*, também a ele é atribuída a criação do celeberrimo *cappuccino*. Diz-se que, após a tentativa turca de invasão de *Viena* em 1683, o exército adversário, em debandada, terá deixado no campo de batalha umas dezenas de sacos de café, uma vez que, por essa altura, os turcos eram grandes apreciadores desta bebida. Pois muito bem, ao que parece, os grãos abandonados foram recolhidos e depressa lhes foi dado uso. Contudo, por via do seu natural sabor amargo, adicionaram-lhe mel e leite. Assim nascia uma nova iguaria bebível, depressa baptizada de *cappuccino* em honra do monge soldado. Se repararmos, a palavra *cappuccio*, em Italiano, significa *capuz*. Também o hábito de *Marco* era castanho e tinha um capuz branco. Nada mais similar – uma base de café expresso complementada por leite vaporizado e decorada com uma espuma cremosa de leite por cima. *Marco D'Aviano* foi beatificado por João Paulo II no dia 27 de Abril de 2003, mais de trezentos anos após a sua morte.

Depois de tão emocionante visita fomos subindo até à *Catedral de Santo Estêvão – Stephandom*, à qual demos apenas uma vista de olhos, porquanto já a havíamos visitado demoradamente aquando da nossa primeira estada na capital austríaca. Fomos depois aos chocolates, aos famosos *Mozartkugeln – Bolas Mozart*. Hoje era dia de competições europeias de futebol, e quis o destino que também hoje aqui estivesse o *Benfica* para disputar a eliminatória com o *Áustria de Viena - FK Austria Wien*. Por isso não nos espantámos quando por nós passaram quatro ruidosos *vermelhos*, carregados de sacos de chocolates, camisola do clube e berrando aos quatro ventos. Um deles, *coitado*, até trazia uma monumental bandeira à laia de capa de super-homem. Super tolo, diremos nós. Quanto aos nativos, era como se não fosse nada com eles. Nem parecia que o seu clube ia hoje jogar. Certamente têm coisas mais

importantes para fazer e com que se preocupar! É essa a grande diferença!... Com tanta coisa fantástica para ver e fazer nesta magnífica cidade, e vem-se para um simples jogo de futebol. Ainda bem que somos todos diferentes e com diferentes opções de vida!

Estava agora na hora de ir em busca da *Demel*, a célebre pastelaria de extraordinários bolos que nos havia sido recomendada pela *Renata*, a nossa guia local da visita da cidade. Para lá chegar, depois de termos percorrido algumas artérias de menor dimensão, seguimos pela *Augustinerstrasse* já com o perímetro do *Palácio de Hoffburg* à nossa esquerda, depois pela *Reitschulasse* até à *Michaeler Platz*, agora já na entrada do palácio, após o que virámos à direita para a *Kohlmarkt*, a rua da pastelaria, que vimos logo à esquerda. Não foi fácil arranjar mesa. À semelhança da *Antiga Casa de Pastéis de Belém*, salvaguardando as devidas proporções, claro está, está distribuída por diversos pisos. Logo à entrada, somos surpreendidos por um gigantesco escaparate de vidro onde estão expostos todo o tipo de fantásticos bolos, repletos de cremes e frutas. Digamos que, logo ali, nos foi dado um valente soco no estômago. Depois de muito procurarmos, lá encontramos uma mesinha anichada a um cantinho. Quando a empregada de nós se aproximou estávamos *baralhadinhos de todo*, sem saber que iguaria escolher, Nem, tão-pouco, por que nome pedir. A custo lá percebemos que tínhamos que voltar ao tal escaparate, escolher o bolo que queríamos e pedi-lo à empregada que lá estava, que anotava o nosso pedido num pequeno papel, o qual deveríamos entregar à empregada de mesa que nos servisse. Assim fizemos. Escolhemos três diferentes: *Mozartbombe*, *Duernsteinertort* e *Obsttorte*. Qual deles o mais delicioso! Com fruta em camadas, com amêndoa, noz e creme de chocolate com amêndoas filadas e ensopado em licor de amêndoa. Enfim, pudemos experimentar dois orgasmos distintos – visual e gustativo, qual deles o mais fenomenal, que acompanhámos com uma chávena de café. Havia vários museus que queríamos visitar, mas o tempo era escasso e tivemos que fazer opções. Decidimos, então, ir até à *Ópera – Staatsoper*. Assim sendo, voltámos para trás para a *Michaeler Platz* para depois seguirmos pela *Reitschulasse* até à *Augustinerstrasse*, para depois chegarmos à *Praça Albertina – Albertina Platz* e atravessarmos até ao edifício da ópera, mesmo em frente ao *Hotel Sacher*. No entanto, como as visitas eram guiadas e só se efectuavam de hora a hora, as portas estavam fechadas. Decidimos então ir almoçar ao mesmo sítio de ontem, no estabelecimento do grupo *Rosenberger*. Desta vez descemos até ao piso inferior, onde ontem tínhamos apreciado uma parafernália de iguarias para todos os gostos. Escolhemos uma *lasanha*, ou aquilo que nos pareceu ser tal. Afinal, da *lasanha* dita vegetariana, apenas tinha o nome. Enfiámos um grande barrete! Não passavam de sucessivas camadas de massa *penne*, intercaladas com rodelas de cenoura e feijão verde. Por cima repousava uma ressequida camada de queijo, que lhe dava o tal ar *alasanhado*!... Mas enfim, até nem estava má de todo. Tinha o pomposo e ludibriante

nome de *Nudelauflaus*. Bebemos um sumo de laranja – *fruchtsaft* e assim nos consolámos com este tardio almoço, pois já eram três da tarde. Mas tudo estava sob controlo, uma vez que havíamos devorado os tais bolos da *Demel* já passava do meio-dia. Deixámo-nos por ali estar até perto das quatro da tarde, hora a que decorria a visita guiada a ópera.



O edifício foi o primeiro a ser erguido na *Ringstrasse*, entre 1861 e 1869. Possui 1642 lugares sentados e 567 de pé, que, frequentemente, vê a sua lotação esgotada. Comprámos bilhete para a visita em castelhano, um bilhete combinado para a ópera propriamente dita – *Führung Wiener Staatsoper* e para o *Museu da Ópera* – *Staatsopernmuseum*, que nos custou 6,50 €. Enquanto aguardávamos para entrar, no *foyer* logo à frente da escadaria principal demos conta de três figuras com trajes de época, duas femininas e uma masculina, que mais não eram do que três manequins, se assim lhes podíamos chamar, que tinham na zona da cabeça uma armação metálica que terminava numa peruca e que permitia aos mais afoitos lá se colocarem para que fossem fotografados. Claro que não nos fizemos rogados e para lá corremos.



Subimos depois a monumental escadaria, toda com baixos-relevos e belíssimas pinturas. Dali acedemos à sala propriamente dita, onde nos sentámos numa das filas para ouvirmos as explicações que nos eram dadas. Não nos pudemos acercar muito do palco, uma vez que por ali decorriam as filmagens de um comercial com figurantes vestidos a rigor. Passámos depois por uns labirínticos corredores que nos levaram directamente ao palco, que nos deixou sem fôlego! Gigantesco e monumental são apenas dois dos muitos adjectivos com que poderíamos caracterizá-lo. Ficámos também a saber que, com a decoração apropriada, aqui decorrem os célebres bailes de debutantes. Subimos depois até ao *Foyer Schwind*, onde se *escreve* um pouco da história da música clássica e

onde estão colocados catorze bustos de compositores famosos, que têm por cima quadros com representações das suas mais famosas óperas. Ainda coscuvilhámos o salão do camarote imperial, onde o *Imperador Franz Joseph I* recebia os seus convidados para tomar champanhe, sendo que ele apenas ali tomava chá. No tecto pode ver-se uma monumental pintura com figuras aladas que tangem instrumentos musicais, como harpa e flauta, e, ainda, uma enorme águia de asas abertas. Denomina-se *música sobre as asas da águia*. Ainda a *Marmorsaal*, uma enorme sala de intervalo de cujos tectos pendem magníficos lustres, com enormes janelas ornadas de cortinados de cor *beije* escuro, e, a toda a volta, podemos ver sofás de veludo vermelho. Mesmo ao lado está o *loggia*, espécie de varandim que dá para o exterior, com chão de mármore e belíssimas pinturas e estátuas junto ao parapeito. Fomos depois visitar a *Mahlersaal*, sala dedicada a *Gustav Mahler*, em tempos director da ópera. Também o tecto está

decorado com grandes lustres, e das janelas pendem cortinados acastanhados. O chão é de madeira e, numa das paredes do lado direito está uma pintura que o retrata. Por baixo, numa redoma de vidro, descansa o pequeno piano que costumava acompanhá-lo nas suas muitas digressões. A este profícuo compositor se devem duas grandes medidas que completamente revolucionaram a ópera. Primeiro, acabou com as traduções das óperas, como acontecia até então, passando a ser cantadas na língua original. Desta forma evitou-se, por exemplo, que uma ópera italiana fosse cantada em alemão, desvirtuando-a por completo. Segundo, determinou que, dali em diante, quando o espectáculo começasse, as portas eram encerradas e as luzes apagadas. É que, pelos vistos, muitos vinham para se divertir e até comer e beber no interior da sala, e entravam e saíam quando *lhes dava na real gana*. Terminada a visita, fomos depois até ao *Museu da Ópera – Staatsopernmuseum*, que ficava ali por perto e que só descobrimos depois de consultar o mapa que o indica, que estava no verso do bilhete. Lá pudemos apreciar de tudo um pouco alusivo ao *bel canto*. Partituras, cenários, peças de guarda-roupa e inúmeras fotografias de dignos representantes desta arte.

Já em fim de tarde, decidimos ir visitar a *Casa de Mozart – Mozarthaus Vienna*. Caminhámos então pela *Kartner Strasse* até à *Catedral de Santo Estêvão – Stephandom*, para depois virarmos para a *Domgasse*, a rua onde fica a casa. Por nove euros pudemos percorrer demoradamente a habitação, hoje museu, onde foi composta a ópera lírica *As Bodas de Fígaro – Le Nozze di Figaro*, a primeira das três óperas em italiano que compôs com *libretto* de *Lorenzo da Ponte*. Aqui viveu entre 1784 e 1787, de forma faustosa quase podemos dizer, uma vez



Mozarthaus Vienna
www.mozarthausvienna.at

que tinha quatro quartos, duas salas e uma cozinha. Hoje está adaptada e transformada em autêntico museu vivo, onde nos é apresentada uma visão global da época em que viveu o compositor, para além das suas obras mais importantes. Obviamente que mais ênfase é dado aos anos vienenses de *Mozart*. À entrada é-nos dado um aparelhómetro, à semelhança de um vulgar telemóvel, depois de nos questionarem sobre qual o idioma em que pretendemos ouvir a explicação. Só depois entramos num elevador que nos leva directamente ao terceiro piso, por onde é iniciada a visita. Aqui começamos por conhecer detalhes da sua vida nesta cidade, onde vivia e por onde se movimentava, quais os seus amigos e patrocinadores, o seu relacionamento com a *Maçonaria*, da qual foi membro activo, iniciado em 1784 e, ainda, a sua destruidora e quase mórbida paixão pelo jogo. Aqui ficámos a saber que, por via deste nefando vício, foi levado à bancarrota

financeira. O segundo piso é dedicado às obras do génio, principalmente à sua faceta de compositor de óperas. Aqui dominam as três grandes que compôs com textos do seu grande amigo *Lozenzo da Ponte: Le Nozze di Figaro, Così Fan Tutte e Don Giovanni*. Também ficámos a conhecer as polémicas em que se viu envolvido, nomeadamente com compositores rivais, e, como não poderia deixar de ser, a sua grande e última obra que, por via da prematura morte deixou inacabada – o *Requiem*. Grande destaque também é aqui dado à *Flauta Mágica – Die Zauberflöte, com libretto de Emanuel Schikaneder*, com a presença de material multimédia que exprime a magistralidade do compositor e nos delicia com árias desta belíssima obra. No primeiro piso entramos na casa de habitação propriamente dita, a maior e mais cara que alguma vez teve. Não possui móveis que tenham sobrevivido à sua época, pelo que tivemos que recorrer à imaginação para tentar vislumbrar o seu ambiente familiar. Como se viveria aqui? Sabe-se que a casa era palco de longos e ruidosos serões musicais e desportivos, uma vez que possuía uma mesa de bilhar que bastas vezes era usada. Também gritaria de crianças por aqui deveria haver, bem como latidos de cães. De facto é difícil imaginar como, perante tão caótico e barulhento cenário, pôde *Mozart* trabalhar e produzir importante parte do seu acervo artístico. Resume-se numa palavra – **GÉNIO!**

Fora um dia e peras! Este estava agora em declínio, mas bastante mais ameno e acolhedor do que quando despontara. De manhã fora a chuva e o vento, mas agora, em fim de tarde, um tímido sol fazia a sua aparição. Regressámos ao hotel, e, para retemperar forças, uma uma vez que ainda havia a noite para a passeata, resolvemos tomar um banhinho retemperador. O jantar foi supimpo! Começámos com uma encorpada sopa, com uma aveludada e bem apaladada base guarnecida com batatas aos cubos e cogumelos laminados. Comemos depois uma vatia de vitela estufada, que acompanhámos com esparregado e batatas de cebolada. À sobremesa deram-nos quadrados de *sachertorte*, melhor dizendo, uma corruptela da dita. Questionado o *garçon*, este esclareceu que, de facto, era uma espécie de variante desta iguaria vienense. Até porque estava recheada com uma espécie de *ganache* ou mousse de chocolate, ao invés da tradicional geleia de damasco ou alperce. Mas tinha natas batidas e até estava bem boa!

Claro que não poderíamos sair de *Viena* sem comermos a genuína, a autêntica *sachertorte*. E nada melhor do que dar um pulinho ao *Hotel Sacher* para o fazer. Veio uma deliciosa fatia, fantástica, coberta de lustroso chocolate e com um pequeno medalhão do dito por cima a guarnecer. Ao lado do pequeno prato, descansava um montículo de natas batidas em *chantilly* e um pequeno garfo. Estava um *must*, apesar dos 4,80 € que por ela pagámos, e acompanhámo-la com uma chávena de café – *kleiner espresso*, que nos custou 2,90 €. *Noblesse oblige*. Que se lixe! Estava cumprida a promessa e feito o *gosto ao dedo*. Melhor dizendo, *ao estômago e ao palato*. Subimos

depois pela *Kärntner Strasse* até à *Catedral de Santo Estêvão – Stephandom*, e pela zona circundante demos um salto à *Coluna da Peste – Pestsäule*, que mais não é do que um monumental altar erigido à *Santíssima Trindade* em acção de graças, e em memória da epidemia ocorrida em 1679. Espreitámos as lojas chiques da zona – *Paul & Shark* e *Versace*, só para dar dois exemplos. Nesta última, uma blusa de senhora custava 980 € e algo estranho que nos pareceram ser umas botas custavam a módica quantia de 1.160 €. Enfim, só visto e nada compatível com as nossas parcas e quase *anémicas* bolsas. Já se fazia tarde e era tempo de regressar ao hotel ainda um pouco distante do local onde nos encontrávamos. Pelo caminho, quando descíamos a *Kärntner Strasse*, ainda espreitámos a cafetaria do *Hotel Sacher*, com *boutique* de venda da *sachertorte* em embalagens e preços escaldantes, com as paredes forradas de fotografias dos famosos que por ali passaram. Reconhecemos *Koffi Annan*, *Liza Minnelli*, *Romy Schneider* e sua mãe *Magda*, entre tantos e tantos outros, que, pelo rápido olhar, não nos foi possível identificar. Apanhámos depois a *Goethegasse* e a *Burgring*, e, para cortar caminho, atravessámos a *Maria-Theresien Platz*. Menos de um quarto de hora depois estávamos a entrar na *Josefsgasse*, rua onde se situava o hotel. Cansados, mas felizes, hoje nem vontade tivemos para o *midnight snack*. A *sachertorte* de há pouco não deixava espaço para mais.

9 de Agosto, quarta-feira

Depois de mais um despertar ao *cantar dos galos*, esperava-nos um opíparo pequeno-almoço e mais um grande dilema de escolha. Mas a opção foi pelo iogurte de frutos do bosque com *muesli*, a que se seguiram uma série de pequenos pãezinhos, com sementes, com especiarias, redondos ou bicudos, com manteiga e café com leite. Seguimos depois viagem rumo a *Budapeste*. Por volta das dez, numa das paragens técnicas ainda em território austríaco, tomámos um café e aproveitámos para comprar leite e bolachas para a ceia da meia-noite. À entrada da fronteira húngara, obviamente que tivemos que parar. Uma roliça guarda, moçoila na casa dos trinta e poucos e envergando uniforme militarizado, entra no autocarro e vasculha-nos os passaportes e os bilhetes de identidade. Desgraçadamente, apenas nos passaportes dos cidadãos brasileiros foi apostado um carimbo, que, pelo aspecto, era uma reminiscência dos tempos da *cortina de ferro*. Seguimos viagem até à capital da *Hungria*, onde, após o almoço, nos aguardava a guia local para efectuarmos a visita da cidade. Chegámos por volta do meio-dia e meia. Entrámos por *Buda* e atravessámos para *Peste* pela *Ponte Elizabeth - Erzsébet Híd*. Depois das malas postas no hotel, muito bom e já nosso conhecido, saímos para almoçar. Como era perto e o tempo também não era muito, fomos até um *McDonald's* e pedimos um *McChicken menu*, com *coca-cola ligh - kúz cola*. Pagámos em euros, depois de um diálogo quase surrealista com a menina que nos atendeu, num

Inglês entrecortado de *Húngaro* quase indecifrável. É que quando perguntámos o preço, a moça respondeu qualquer coisa que nos soou a *five euros*, pelo que lhe demos duas moedas de dois euros e uma de um euro, cuidando que era esse o preço da refeição. Afinal ainda tivemos troco. Uma nota de cem *forints* e um punhado de moedas, que perfez a quantia de dezanove *forints*. Depois de comermos, lá caminhamos calmamente até ao hotel onde já nos aguardava a guia local. Criatura roliça, de calça azul e blusa preta sem mangas, tinha cabelos pelos ombros e óculos metálicos arredondados. Chamava-se *Antónia*, uma vez que os pais desejavam ardentemente ter um filho e para isso já tinham tudo preparado. Até o quarto da criança estava todo pintado de azul e as roupas eram todas masculinas. Mas o destino trocou as voltas e, afinal, veio uma filha. Nada preocupados ou tristes, foi só arranjar uma solução. Nada fácil, pelos vistos, uma vez que a pobre esteve dois dias no hospital sem nome designado. Até que se fez luz, e, uma vez que o pai era *António*, a menina herdou a versão feminina do nome do progenitor. O que até trouxe dissabores, uma vez que, na língua húngara, não tem tradução. Assim sendo, não raras vezes é chamada de *Antiquária*, em *Húngaro*, claro está, por via da semelhança das palavras. Conosco foi dialogando e disse falar *Português*, porquanto, há um bom par de anos, entrou na sua vida um mancebo brasileiro pelo qual se tomou de amores. Mas a história acabou mal e hoje, do *carioca* nem sombras!... Ficou a língua, com sotaque *entendível*. Começou por nos contar a história do país, enquanto íamos percorrendo as artérias de cidade. Passámos ao lado pela *Ponte Elizabeth - Erzsébet Híd*, até cruzarmos o *Grande Mercado Central - Nagy Vásárcsarnok*. Em conversa, ficámos a saber que *Tony Curtis* é filho de judeus húngaros originários da cidade de *Mátészalka*, que depois emigraram para a *América*. Naturalmente por via das suas origens, fez uma fundação destinada a angariar dinheiro para a reconstrução da *Grande Sinagoga de Budapeste - Dohány utca Synagogue*. Também ficámos a saber que a *Imperatriz Elisabete - Elisabeth von Österreich-Ungarn*, mais conhecida como *Sissi*, passava mais tempo na *Hungria* do que na *Áustria*, pelo que, uma vez que aqui era muito querida, foi-lhe oferecido um palácio e construída uma linha de caminho-de-ferro que vai directamente até à porta do dito. Aquando do comunismo, este foi completamente abandonado e quase destruído. Com a democracia, e por ironia do destino, a *McDonald's* restaurou-o e recuperou-o por completo para o transformar numa das muitas unidades da marca. Continuando o périplo, passamos agora em frente a um mega centro comercial com um complexo de cinemas, em cujo cartaz figura *A Casa da Lagoa - Ház a tónál* em língua húngara. Chegámos depois à magnífica *Praça dos Heróis - Hősök tere*, com o *Museu das Belas Artes - Szépművészeti Múzeum* e *Museu de Arte Moderna - Műcsarnok*, onde nos foi dada uma detalhada explicação histórica do local. Nomeadamente a sepultura que existe bem ao centro, que representa o enterro do território húngaro perdido aquando das duas grandes guerras

mundiais ocorridas na primeira metade do século vinte. Também uma alusão à cruz dupla que o *Arcanjo Gabriel* ostenta, reconhecida pelo *Vaticano* e concedida apenas aos povos que dela forem merecedores (?!). Continuámos depois por uma avenida que nos levou a uma zona povoada de teatros e pelo magnífico edifício da *Ópera de Budapeste - Operaház*, quase à imagem e semelhança da novaiorquina *Broadway*. Seguiu-se depois o *Casino Las Vegas* e a *Catedral de Santo Estêvão - Szent István-bazilika*. Pela *Ponte de Santa Margarida - Margit híd*, passámos para *Buda*, com o edifício do parlamento bem atrás de nós. Íamos ver a *Igreja de Matias - Mátyás templom*, edificada em honra do homónimo rei, que, apesar dos insistentes pedidos dos húngaros, nunca foi canonizado pelo *Papa* que nunca lhe perdoou o facto de ter ocupado *Viena*. Vamos subindo, e, à nossa esquerda, temos a *Ponte das Correntes – Lánchíd*, que, no dizer da nossa guia, pudera, é a mais bonita e perfeita do mundo (!). No entanto, os leões que lá se encontram recostados não têm língua. Parece que foi um lapso do arquitecto, que, ao aperceber-se desta falta imperdoável, tentou suicidar-se lançando-se ao *Danúbio*. No entanto, terá sido salvo *in extremis* por uma bela sereia!... Logo a má-língua se levanta, para dizer que a solução encontrada pelo pobre arquitecto foi pedia emprestada a língua à sogra, que, dizem, por via do descomunal *tamanho*, daria para repor o apêndice bucal a todos os felinos.

Subimos para o *Bastião do Pescadores – Halászbástya*, onde começámos por visitar a *Igreja de Matias - Mátyás-templom* – como sempre na semi-penumbra. Esta foi palco de algumas coroações, incluindo a do último rei *Habsburgo, Carlos IV*. Também aqui casou o rei *Matias - Mátyás*, em primeiras núpcias com *Catarina Podiebrad*, e, depois da morte desta, com *Beatriz de Aragão*. Após a visita, e como ainda tínhamos tempo, tomámos um *cappuccino* na esplanada do *Apetito*, um café e restaurante mesmo em frente ao renovado *Hilton*. De forma hábil e inteligentíssima, esta cadeia de hotéis restaurou primorosamente o que restava de um velho convento dominicano do século XIII, cuja pequena fachada podemos ainda apreciar incorporada no moderno hotel, bem como os claustros no seu interior. Já no autocarro, descemos pelo *Palácio Real - Kiralyi Palota*, que, segundo a nossa guia, sobreviveu às duas guerras mundiais mas não à ocupação comunista. Durante esses tempos, aqui foram criados porcos e o mobiliário existente foi transformado em lenha (?!). Passámos para Peste pela *Ponte Elizabeth - Erzsébet Híd*. À nossa esquerda estava a *Ponte das Correntes – Lánchíd* e à nossa direita a *Ponte Francisco José*, como originalmente era conhecida, sendo que, hoje, leva o nome de *Ponte da Liberdade - Szabadság Híd*. Depois a *Igreja de Santa Isabel*, tia-avó da nossa rainha-santa. Passámos depois pela rua pedonal que, em verdade, vai da *Catedral de Santo Estêvão - Szent István-bazilika* ao *Mercado Municipal - Nagy Vásárcsarnok*. Mesmo à beira do *Casino Lido*, na *Szabadsajtó út*, nº 5, apreciámos a velocidade com que o montante do *jackpot* galopava no visor. Eram agora seis e um

quarto da tarde, e estava no fim a visita da cidade que iniciáramos por volta das quinze horas. Fomos deixados no hotel e, como ainda era cedo para o jantar, descemos a rua e decidimos ir coscuvilhar o *Grande Mercado Municipal - Nagy Vásárcsarnok*, que, desgraçadamente, já estava fechado àquela hora. Virámos então para a direita, rumo à tal rua pedonal, e fomos caminhando tranquilamente e apreciando o atarefado movimento de transeuntes. Havíamos perguntado à *Antónia* onde ficava o *Café Nova York - New York Kávéház*, antigo *Café Hungaria*, que havíamos visitado há uma meia dúzia de anos. Pela descrição do caminho que nos fez, não poderíamos estar muito longe, contudo, depois de muito procurar, nada conseguimos. Desistimos e subimos pela rua do *Hotel Astoria*, que nos levava directamente ao nosso hotel.

Descemos para o jantar à hora marcada e tivemos a grata surpresa de constatar que era *buffet*. E que regalo para os olhos, e, conseqüentemente, para as papilas gustativas, o que à nossa frente se apresentava! Começámos pelas entradas, que obviamente não pudemos identificar, mas que nos *souberam pelas almas!* Pequenas bolas, que pareciam ser de pepino, estavam espetadas num palito que terminava com uma rodela de kiwi. Depois uns pequenos barquinhos com um desconhecido mas delicioso recheio, e, ainda, uma espécie de mini tosta com uma minúscula fatia de tortilha. Isto, entre tantas e tantas iguarias, verdadeiros orgasmos visuais e gustativos, mas que era impossível provar na totalidade. Por muito elástico que fosse o estômago, infelizmente não éramos ruminantes, pelo que só temos um! Comemos depois uma mistura de várias coisas, qual delas a mais saborosa. Vitela aos cubos, estufada com cenouras e cogumelos, tudo envolto num espesso e aveludado molho castanho. Depois o que nos pareceu serem *knedlíky*⁸ e que já havíamos comido no ano anterior, em *Praga*, que acompanhámos com uma espécie de fricassé de ganso, pato ou outra ave aparentada, que complementámos com cenouras cortadas com colher parisiense⁹, que lhe davam uma forma esférica, e arroz de açafrão. Para a sobremesa elegemos três pequenos semi-frios redondos, melhor dizendo, dois redondos e um triangular. Quanto aos dois primeiros, um deles sabia deliciosamente a coco, com o dito por cima, e o outro era de uma massa esponjosa com uma espécie de carapaça de chocolate negro. O terceiro, o tal triangular, era de framboesas alternadas com um bolo da família do *pão-de-ló*, e tinha por cima uma amora negra. Completamente atafalhados de comida, fomos dar uma volta pelas redondezas do hotel. Descemos outra vez até ao mercado e fomos depois espreitar o *Danúbio* à noite. Seguimos depois pela rua pedonal por onde

⁸ (...) feito com pão, água, leite e uma espécie de flor para fermentar e aromatizar (...) bolinhos cozidos, vulgarmente servidos como acompanhamento nos restaurantes da cidade. São feitos com ovos, leite, farinha, fermento, sal e fatias de pão partidas em pequenos cubos. (...) In *Millenium* nº 32, Abril de 2006.

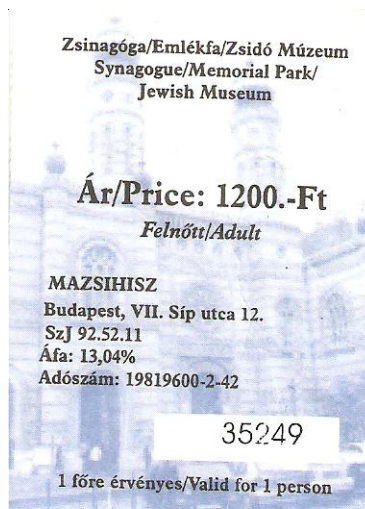
⁹ Instrumento culinário, em forma de vulgar colher, contudo mais bojuda, que permite retirar pedaços de alimentos em bolas.

andámos à tarde, agora com as esplanadas dos restaurantes peçadas de clientes que se deliciavam com as iguarias que lhes eram servidas. Fomos dar a uma praça onde artistas de rua veiculavam a sua arte aos presentes. A uma esquina estava um solitário tocador de guitarra clássica, e, numa outra, dois artistas eslavos interpretavam música russa, um com um violino e o outro com um estranho instrumento tocado com duas não menos estranhas baquetas, à laia de um vulgar xilofone. Voltámos para trás, e, através do vidro fosco da montra de um estabelecimento de *lap dance*, apreciámos a bailarina de serviço que se exibia e espevitava os potenciais clientes, aos quais só faltava babar e espumar pela boca. Como ainda era cedo, decidimos fazer mais uma tentativa para encontrar o *Café Nova York - New York Kávéház*. Tínhamos questionado uma empregada do hotel, que nos disse que era agora um caríssimo restaurante de luxo. Mas ainda não foi desta! Muito vasculhámos, mas nada. Apenas descortinámos a arcada de um velho e lindíssimo prédio datado de 1909, mas, lamentavelmente, em péssimo estado de conservação. Voltámos para trás, e, como que para abafar a frustração, sentámo-nos no *Memoár Café* e tomámos um *cappuccino* antes do regresso ao hotel. Pelo caminho, com grande tristeza, fomos constatando o quão degradados estavam os prédios da cidade. Belíssimos, sem dúvida, imponentes, também, mas em estado de quase ruína e abandono, o que denota uma manifesta falta de capital e recursos para reabilitar tão espectaculares construções. Antes de dormir, ainda tomámos o nosso reconfortante banho, a que se seguiu o cafezinho com leite e as bolachinhas da praxe.

10 de Agosto, quinta-feira

Hoje o dia era livre e por nossa inteira conta em *Budapest*. Começámos com um pequeno-almoço composto por café com leite, que acompanhámos com diversos pãezinhos com manteiga – redondos, brancos e acastanhados, e bicudos e alaranjados, que desconfiámos terem *paprika* na sua lista de ingredientes. Antes, tínhamo-nos deliciado com uma taça de iogurte de frutos do bosque. Saímos depois em direcção à *Grande Sinagoga - Dohány utca Synagogue*, precisamente porque se situa na rua *Dohány*, e ao *Museu Judaico e Arquivos - Mazsihisz Magyar Zsidó Múzeum*, que íamos visitar.

Começámos pelo templo. Logo à entrada, vá-se lá saber porquê, de imediato nos questionam se somos espanhóis. Pelos visto, a palavra *portugueses* é desconhecida por aquelas

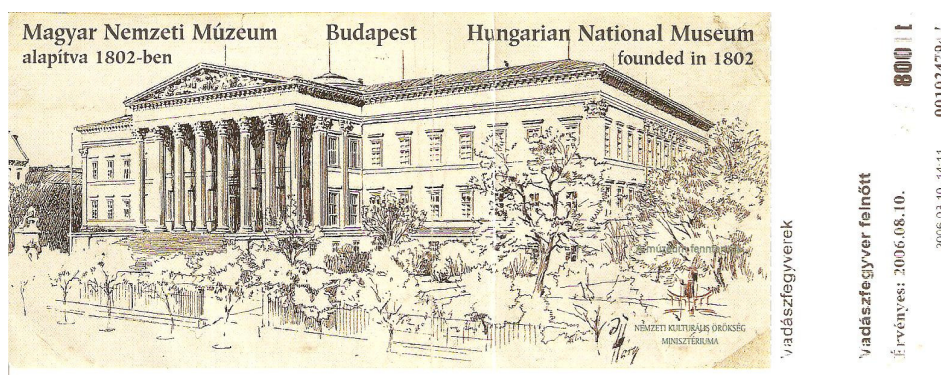


bandas, uma vez que a obesa criatura masculina que nos recebeu, seco, curto e grosso, logo nos disse, em castelhano com cerrado sotaque, que, *se quieres sacar fotos tienes que dejar un donativo!*... Assim mesmo! Com dinheiro todas as fotos são possíveis, sem ele é que já não pode ser nada. De imediato arrumámos as máquinas fotográficas e apreciámos demoradamente o fantástico interior desta monumental sinagoga, agora toda restaurada. Construída em meados do século XIX, entre 1854 e 1859, é um misto de estilo árabe com bizantino, romântico e gótico. É, simplesmente, a maior e a mais monumental da *Europa* e uma das maiores do mundo. Tem capacidade para 2964 lugares sentados, 1492 homens e 1472 mulheres, estas nas galerias que lhes estão destinadas. Possui uma grande quantidade de candeeiros por todo o tecto, bem como um monumental lustre que pende sobre as nossas cabeças. O altar, simplesmente fantástico e enorme, é construído em madeira, entre outros nobres materiais. Como que a coroa-lo, está uma cúpula branca com decorações douradas, sob a qual se abriga um fabuloso órgão. Em 1944, em plena *II Guerra Mundial*, foi incluída, primeiro, numa zona militarizada, depois numa espécie de campo de internamento ou gueto, para onde foram levados os judeus da cidade e mantidos em deploráveis condições. Muitos dos que aqui pereceram, repousam no átrio traseiro do templo. Também serviu de abrigo e



acolhimento durante a guerra, tendo sofrido grandes danos infligidos pelos bombardeamentos dos inúmeros *raids* da batalha pela libertação de *Budapeste*. Terminado o conflito, e apesar dos estragos sofridos, voltou a ser local de culto da comunidade judaica. No início dos anos noventa do século XX, mais concretamente em 1991, foi erigido um monumento à memória dos judeus húngaros que morreram durante o holocausto. Está no pátio traseiro da

a cada passo, nos iam surgindo figuras masculinas vestidas de forma tipicamente judaica. Como três belos mancebos, de fato preto, camisa branca e *kippah* na cabeça, um deles, sendo que, os outros dois, de barba cerrada, cobriam a cabeça com um não menos negro chapéu de abas largas. Antes de sairmos do bairro, ainda coscuvilhámos um estabelecimento de café concerto, onde se publicitava uma *soirée* com *sabbath songs*, e, mais adiante, um típico restaurante de comida *kosher*, de nome *Hanna*. Estava instalado num belíssimo edifício de tijolo de cor ocre, ornamentado com *Estrelas de David*, arcos e colunas, e, ainda, uma reprodução do que nos pereceu serem as *Tábuas Sagradas de Moisés*. Antes do meio-dia, e depois de tão gratificante visita, ainda no *Bairro Judeu – Zsidó negyed* quedámo-nos na esplanada do *Síp Sarok Café*, e, calmamente, saboreámos um *cappuccino*. Como, entretanto, iam sendo horas de almoço, fomos em busca do dito. Que encontrámos não muito longe, num dos pequenos restaurantes da cadeia de *fast food Subway*. Escolhemos um pão com parmesão e orégãos, *parmezános-oréganos*, com atum, queijo, tomate, alface, cebola, malaguetas e azeitonas, que acompanhámos com *coca-cola light*. A fome não era muita, mas a iguaria até estava saborosa.



Depois do repasto, fomos visitar o *Museu Nacional Húngaro – Magyar Nemzeti Múzeum*, que até ficava mesmo ao lado do nosso hotel. Possui um vasto e riquíssimo espólio, que conta a história da *Hungria* desde a origem até à queda do comunismo. Começámos pela *Pré-História*, onde vimos todo o tipo de achados, como jóias e armas, bem como curiosos copos de forma fálica por onde se bebiam

afrodisíacos. Ainda uma vastíssima e bem documentada exposição alusiva às duas guerras mundiais do século XX, com maior incidência sobre a segunda, com inúmeros documentos alusivos à ocupação nazi, fardas de prisioneiros, fotografias e salvo-condutos para judeus. Vem depois a ocupação comunista, com uma série de cartazes de propaganda e uma colossal estátua de *Estaline*. Um pormenor curioso e que é dado a conhecer aos visitantes, diz respeito às casas típicas dos anos sessenta, onde podemos apreciar o recheio que as compunha. Ainda o período da subserviência ao comunismo, bem representado com um quadro a óleo de *Leonid Brežnev*, o dirigente da URSS com o seu homólogo húngaro, em pose de grande harmonia e estreita ligação. Deste período, ficaram-nos na memória dois interessantes cartazes em paralelismo um com o outro. Um deles, onde vemos um jovem casal que se beija de forma apaixonada, tendo por fundo uma legenda que apela à fidelidade entre ambos. Noutro vemos *Brežnev* a beijar na boca o líder húngaro, onde se lê a mesma frase de fidelidade. Em contraponto, mais adiante, surge-nos um outro cartaz tendo como primeiro plano um emblema comunista em estilhaços, vendo-se, por baixo, um emblema nacionalista húngaro a emergir, como que apelando ao cortar de amarras com o opressor. Finda a visita, e como ainda era cedo, aproveitámos para ir visitar o *Mercado Central - Nagy Vásárcsarnok*, que àquela hora ainda estava aberto. Por lá apreciámos a tão típica e característica *paprika*, embalada de todas as formas e feitios, bem como todo o tipo de coloridas frutas e legumes. Pela zona dos típicos restaurantes fomos espreitando as iguarias que os clientes sorviam sofregamente, estranhas, de miríades cores e aspectos, sem dúvida, mas com ar apetitoso. Contentámo-nos com um sumo de laranja acabado de espremer, uma vez que a fome era pouca ou nenhuma. Depois de tão interessante visita, ainda demos um pulo até à *Catedral de Santo Estêvão - Szent István-bazilika*, agora em crepuscular final de tarde. Não pudemos ver muito, pois já um solícito funcionário se aprestava a fechar as portas. Foi apenas uma furtiva espreitadela! Regressámos ao hotel, estafados mas satisfeitos. Antes do jantar, ainda tomámos um reconfortante banho. Hoje jantaríamos sozinhos, melhor dizendo, sem os nossos companheiros de périplo. É que havia um jantar opcional, com comida típica e um espectáculo de folclore cigano, e, ao invés do jantar no hotel, foi dado o almoço para que os participantes no dito jantar não ficassem prejudicados, caso por isso optassem. Para quem não fosse, como era o nosso caso, manter-se-ia o jantar. Começámos com uma espécie de *consomé* com ervilhas, cenoura ralada e massinhas, a que se seguiram um bifés de peru com cogumelos que acompanhavam com arroz selvagem, couves de *Bruxelas* e bolinhas de cenoura. Para sobremesa veio um cubo de semi-frio de baunilha, intercalado com um bolo de massa esponjosa, tipo pão-de-ló, coberto de *chantilly* e encimado com fatias de gomas de limão. Antes, à laia de entrada, tínhamos comido pão com azeitonas e sementinhas. Depois do jantar, caminhámos rua abaixo até ao mercado e virámos para a direita para a

rua pedonal. Era como que uma despedida à cidade, uma vez que, no dia seguinte, rumaríamos a novas paragens. Voltámos depois para trás, para irmos até uma animada zona que havíamos visto na véspera, pejada de cafés e bares. Sentámo-nos na esplanada do *Tajtékos Napok* e bebemos uma cerveja *Bit Burger*. Levávamos de *Budapeste* a ideia de uma bonita cidade, rica de história, sim, mas muito degradada e pobre. Chocou-nos, particularmente, os pedintes e as numerosas velhotas que, pelas ruas, noite ou dia, sobretudo nas escadas do metro ou das passagens subterrâneas para peões, tentavam vender aos transeuntes pequenos ramos de amarelecidas e por vezes já murchas flores. Quem sabe se para aumentar ao pecúlio da parca reforma. Se é que a tinham!... Antes de dormir, ainda houve tempo para o tradicional café com leite e bolachas.

11 de Agosto, sexta-feira

Depois de um pequeno-almoço de café com leite e pãezinhos de todos os tipos, com manteiga e fiambre, seguimos viagem rumo a *Veneza*. O leste, pelos vistos, aguça o instinto de mudança à nossa guia. À semelhança do ano transacto, em *Praga*, também agora, em *Budapeste*, vai de mudar por completo o visual. De loira com cabelo liso, apresenta-se-nos agora uma ruiva de cabelo farfalhudo e bem frisado. Uma hora e três quartos depois de iniciado o périplo, algures no meio de uma estrada rodeada de campos de milho, uma carrinha tipo *Ford Transit*, branca, com uma barreira que assinalava *Kontrol*, manda parar o nosso autocarro e faz sair o motorista e a guia. Mistério!... Um quarto de hora depois, já de volta a estrada, surge a explicação, afinal simples, para o ocorrido. É que na fronteira magiar, à semelhança de outros países, é adquirida uma vinheta que se cola no vidro. Esta identifica o tipo de veículo e o tipo de viagem que este vai efectuar. Ao que parece, a nossa foi mal vendida e tinha assinalado o algarismo um, quando, na realidade, deveria ter o dois. Paga a respectiva multa, sem qualquer culpa, no entanto, lá seguimos viagem.

Menos de meia hora depois, estávamos a tomar um café com um *dedalzinho* de leite numa espécie de café ou restaurante, algures no meio de um relvado que um ancião aparava com um cortador de relva em forma de tractor, ou vice-versa. Chamava-se *Gulya Csárda* e aparentava uma espécie de quatro pirâmides de tijolo ocre que, ao centro, eram unidas por uma torre ou minarete branco, circular, que, no fundo, mais não era do que a cúpula do dito café. Não estaríamos muito longe da fronteira com a *Eslovénia*. Íamos agora para *Lubliana – Ljubljana*. Entrámos em território esloveno pouco passava das onze e meia da manhã. A fronteira, se assim lhe podemos chamar, era do mais estranho e castiço que viramos nas nossas muitas viagens. Era uma casa rasteira, branca, com traves de madeira à mostra. Para lá chegar, era preciso atravessar

um portão de ferro acastanhado, a que se segue uma escadaria. Às janelas encavalitam-se retangulares vasos com flores vermelhas e cor-de-rosa, em tudo parecidas com *sardinheiras*. Pormenor curioso foi ver, à esquerda da porta da entrada, uma vassoura e uma pá do lixo. Mais ao lado, numa casa aparentemente abandonada, um anafado e cornudo caprino descansava calmamente no parapeito de uma das janelas. De facto, para fronteira, o cenário não podia ser mais surrealista e *felliniano*... Um tanto indecisa sobre qual estrada deveríamos seguir, a nossa diligente guia dirige-se à porta, toca a campainha da suposta fronteira, ao que aparecem de imediato dois guardas. Estabelecido o diálogo, num ápice de dois passam a cinco ou seis. Uma fartazana! Afinal não era aquele o melhor caminho a seguir. Se por ali fossemos, iríamos apanhar uma sinuosa estrada de montanha, que não era das melhores. Recuámos, pois, uma dezena de quilómetros, e apanhámos a auto-estrada que nos levaria a território croata, mesmo à beira de *Zagreb*.

Határórség era a palavra que estava escrita num carro, melhor dizendo, num *chaço*, verde seco, com dois altifalantes e um *pirilampo* no tejadilho, que estava estacionado na fronteira da *Croácia* e que supusemos ser da polícia. Aqui tivemos que parar durante um ror de tempo, para que um imberbe e sisudo guarda, de farda azul escura, nos *passasse a pente fino* os bilhetes de identidade e os passaportes, tal como já haviam sido na fronteira da *Hungria*. No caso dos cidadãos brasileiros que iam connosco, os passaportes foram levados para o escritório, supusemos, para que lhes fosse aposto um carimbo. Aqui a coisa já *piava mais fino* e todos os carros eram vasculhados. Mesmo ao nosso lado, um pobre cidadão oriental teve que mostrar tudo quanto levava. Até uma pequena caixa frigorífica foi aberta e tudo quanto lá estava tirado para fora. Lá seguimos a nossa um tanto atribulada viagem. Havíamos tomado o pequeno-almoço na *Hungria - Budapeste*, estávamos agora algures na *Croácia*, onde, aliás, iríamos almoçar, e terminaríamos o dia em *Itália - Veneza*, não sem antes passarmos pela *Eslovénia - Lubliana*. Curioso que, por estas bandas, a paisagem é em tudo idêntica à portuguesa, com campos de milho e pequenas casinhas rasteiras com apenas dois pisos. Como já iam sendo horas, parámos algures para almoçar, que nos pareceu ser uma espécie de área de serviço. A ementa era *variada* (!): sandes, sanduíches e *sandochas*. Por sorte, a estranha criatura que estava do lado de trás do balcão aceitou o pagamento em euros, caso contrário seria o bom e o bonito! Escolhemos duas, que já vinham embaladas e tinham muito bom aspecto. Se este já era apelativo, melhor era o sabor. A primeira a que deitámos o dente, identificada como *Zimska*, tinha queijo, salame, maionese e pepino em *pickles*. A segunda, de nome *Rústico*, tinha *bacon*, maionese, queijo fumado, pimentos morrones e cenoura ralada. Eram ambas de pão de forma branco, com quatro fatias cada. Para não embucharmos, bebemos água com sabor a goiaba *light*, identificada como *janaljagoda*. Depois deste

frugal, mas substancial almoço, lá seguimos rumo à cidade de *Zagreb*, em cuja periferia passámos por volta das duas e meia da tarde. Dali a *Lubliana* distavam pouco menos de cento e cinquenta quilómetros. Passámos a fronteira da *Eslovénia* meia hora depois, saudados por grossas pingas de chuva. Quando chegámos à capital eslovena, a chuva era a cântaros, melhor dizendo, a barris! Fomos direitos ao centro, na vã esperança que a chuvada se dissipasse e nos permitisse fazer a visita da cidade de forma pacífica e tranquila. Ao virar à direita, a gargalhada foi geral perante a visão de uma placa toponímica que dizia *Ind cona most!*... Mentos perversas e brejeiras logo pensaram tratar-se de algo obsceno, mas não! Depressa descobrimos que, a palavra mais *malandrecas*, queria dizer, apenas e tão-somente *zona!* Povoado romano de *Emona*, que remonta ao século XV d.C., o actual nome – *Lubliana*, dizem ter sido usado pela primeira vez por volta de 1144. Por aqui o velho mescla-se com o novo e vemos belíssimas construções barrocas e renascentistas, sem esquecer a *art nouveau*. Descemos do autocarro e fomos depois caminhando até à zona central, ao redor da *Catedral de São Nicolau – Stolnica sv. Nikolaja*, que infelizmente estava já fechada. Fomos descendo até à celeberrima *Ponte Tripla – Tromostovje* – e pelo caminho fomos apreciando as fachadas das casas, ricamente decoradas. Tudo estava limpo, arrumado e impecavelmente tratado. Quanto à dita ponte, aqui está desde 1842, em substituição da *velhinha* passagem de madeira medieval que, contudo, fazia a ligação entre os países do noroeste para o sudoeste da *Europa*, incluindo os *Balcãs*. No entanto, só a parte central da ponte, destinada ao tráfego rodoviário, é desta data. Posteriormente, entre 1929 e 1932, foram *acrescentados*, digamos assim, mais duas pontes laterais destinadas aos peões, dando-lhe a actual forma tripla em jeito de um *garfo gigante*. De cada um dos lados das pontes pedestres, escadas levam os curiosos até um terraço situado mesmo acima do rio. Do lado esquerdo, ao fim da ponte, surge-nos um pequeno quiosque onde comprámos um *magnet*. Como o tempo era pouco, não nos foi possível ver a *Ponte do Dragão – Zmajski Most*, outro *ex-libris* da cidade, construída entre 1900 e 1901 sob o nome de *Ponte do Jubileu – Jubilejnimost*, que foi a primeira ponte eslovena com pavimento asfaltado. Apesar de, infelizmente, não a termos podido apreciar, foi-nos dito ser um belo exemplar de *art nouveau*. De regresso ao autocarro, atravessámos labirínticas ruelas à beira-rio, ladeadas de pequenos bares e tascas. Ainda houve tempo para saborear um cafezinho em fim de tarde, numa pequena esplanada, agora que a chuva há se tinha ido. Retomámos a nossa viagem rumo a *Veneza*, agora já de rota batida, uma vez que ainda tínhamos um longo caminho pela frente.

Chegámos já passava das nove da noite. Sem mais demoras, passámos de imediato à sala de jantar. A hora já era tardia para os parâmetros do hotel, mas rápida e prontamente fomos servidos. Começámos com o *antipasto*, desta feita *penne al pomodoro*, que é como quem diz, uma espécie de macarronete estufado com molho de

tomate, que, como convém, foi generosamente polvilhado com *parmigiano*, certamente *Reggiano*. Seguiram-se duas fatias de carne assada, que acompanhavam com gomos de batata e cebola igualmente assados. Para sobremesa, uma pequena tigela metálica albergava três bolas de gelado, delicioso, de baunilha, chocolate e um outro com passas. Nas mesas havia, ainda, cestinhas com pãezinhos pequenos. Como não nos serviram de beber, mandámos vir uma garrafa de água. O jantar, rápido, sem dúvida, não foi desprovido de insólitos de fazer inveja aos ditos *Yorn*... Então não é que a proprietária da tal cabeça loira titubeante, de que falámos no início, vai de sentar-se na nossa mesa? Com a maior sem cerimónia, serve-se da *nossa* água ser dizer *água vai*, e, como se isso não bastasse, dá início a um mais do que surrealista e estapafúrdio diálogo. Começa por perguntar se um de nós também vinha na excursão e fazia parte do grupo, para de caminho questionar se conhecíamos o *Rubim* (?) do Bosques? Perante tanto devaneio, nada mais nos restava do que tentar, sem sucesso, disfarçar o riso que já quase nos saltava pela garganta. *In extremis* gargalhadas foram abafadas e atiradas as culpas para o pobre do gelado que, sendo *gelado* em demasia, como convém aos *gelados*, foi tomado por culpado da nossa risota. Mas a velha não se deu por vencida e surpreendeu-nos com uma tirada de mestre: *Há por aí muito paraíso desapertado!*... Enfiámos a carapuça, uma vez que só poderia estar a referir-se a nós que, às páginas tantas, já nos ríamos com o maior despudor. Pudera, a pobre não parecia ter *os cinco alqueires bem medidos!*... Para já não falar da grosseria e má educação que havia demonstrado em pelo menos um bom par de ocasiões. Felizmente o jantar foi rápido e depressa nos *pirámos* dali. Fomos depois dar uma volta até *Mestre*, à procura de uma pequena e movimentada praceta onde já havíamos estado aquando da nossa anterior visita no já longínquo ano de 1998. Sabíamos por lá havia inúmeros bares com música ao vivo e restaurantes. Lá chegámos, depois de voltas e mais voltas, mas chegámos! No bar *Paradiso del Gelato* bebemos uma *Heineken piccola*, que é como quem diz, uma cervejola pequena. Já passava da meia-noite quando regressámos ao quarto. Fomos dormir depois de um banho retemperador. O dia havia sido longo, duro e penoso. Saímos de *Budapeste* às sete da manhã, logo após o pequeno-almoço, almoçámos algures na *Croácia*, tomámos café a meio da tarde na *Eslovénia* e jantámos em *Itália*. Hoje nem houve vontade para o *cappuccino*. O dia que se seguia, todo passado na *sereníssima*, prometia ser excitante e pejado de emoções fortes.

12 de Agosto, sábado

Ao pequeno-almoço comemos salada de frutas, iogurte, pãezinhos pequenos com manteiga e fiambre e café com leite. Seguimos depois de autocarro até *Tronchetto*, onde apanhámos um barco que nos levou pelo *Grande Canal – Gran Canale* até à *Praça de São Marcos – Piazza San Marco*. Só tínhamos três horas disponíveis, pelo que havia que aproveitá-las ao máximo. Começámos por um passeio de gôndola. Optámos pelo percurso grande, que tinha a duração de 45 minutos e custava 25€ por pessoa.



Com um bem disposto gondoleiro fomos deslizando pelas calmas mas badalhocas águas. Apreciámos as magníficas e ancestrais construções, hoje quase em ruínas, cujos pisos inferiores estão há muito devolutos e por onde a água já entrou sem pedir licença e tudo carcomeu e corrompeu. Desde ferro, madeiras e escadarias de pedra, tudo foi invadido. Mas assistimos a pequenos farrapos da vida veneziana. O barco da mercearia que descarregava os víveres, o barco-ambulância que certamente iria buscar algum paciente e, mais engraçado do que tudo, o barco da recolha do lixo. Tem ao cima uma espécie de cesto grande, onde é depositado o lixo, após o que um enorme braço mecânico levanta o dito cesto e o posiciona em frente a uma espécie de porão. Posteriormente abre-se o cesto e os sacos do lixo são *engolidos* pelo porão do barco. Mais adiante ainda nos foi dado apreciar outra lancha-ambulância que retomava a marcha após ter recolhido um enfermo no seu domicílio, para logo a seguir vermos o desembarque de frutas, legumes e bebidas, provavelmente à porta de um hotel ou

restaurante. De tudo um pouco vimos pelo nosso divertido périplo, que até nos levou até porta da casa do *pinga-amor Giacomo Casanova*.



Esse mesmo que tantos corações despedaçou na sua incessante busca do amor eterno. Curiosamente, ou talvez não, na porta da casa estão colados alguns cartazes de mulheres seminuas, para não dizer praticamente despidas, com um

número de telefone estrategicamente colocado a um canto. Por entre voltas e mais voltas, eis que o nosso simpático gondolheiro encosta a uma berma e nos pede que aguardemos um pouco, naturalmente tendo o cuidado de agarrar bem a beirada do passeio, não fosse o diabo tecê-las e sairmos disparados à deriva pelas águas do canal. Quando voltou, numa das mãos trazia um pequeno recipiente de papel de alumínio, que ficámos a saber continha o seu almoço. Quanto mais não fosse, pelo magnífico cheiro que exalava a iguaria, fosse ela qual fosse,

Terminado o lânguido passeio fomos ao encontro da cidade, uma vez que estava totalmente fora de questão visitarmos qualquer museu ou monumento. Isto por via das monumentais e intermináveis filas que tínhamos pela frente. Não esqueçamos que era Domingo. Por volta do meio-dia decidimos almoçar. Desta feita escolhemos uma ementa nacional e comemos uma *calzone*, que mais não é do que uma *pizza* dobrada ao meio e com a cobertura por dentro. Ao invés de ser redonda é uma meia-lua, com o recheio devidamente *aconchegadinho* no interior, que era de queijo, fiambre e cogumelos. Para sobremesa escolhemos um gelado, como não poderia deixar de ser. Tinha cinco bolas, de *chocolate*, *stracciatella*, *tiramisu*, *menta-chocolate* e *pistachio*. Fomos depois às compras. Optámos elas máscaras de *Carnaval*, tão típicas e espectaculares, bem como pequenos cristais de *Burano* para oferecer. À hora marcada, de volta ao ponto de encontro do grupo para retomarmos a viagem, eis que se nos depara pela frente um bando de vendedores ambulantes, que, com a maior das latas e descaramento, apregoava e vendia produtos de marroquinaria. Entenda-se que estamos a falar de carteiras, malas, porta-moedas e outros afins, de *griffe*, devidamente contrafeitos, como facilmente se adivinhava. Quanto mais não fosse, pelo aspecto e

preço. De *Prada* a *Louis Vuitton*, sem esquecer *Gucci*, tudo por lá havia. Em jeito de galhofa, comprámos *ao preço da chuva* uma pequena carteira e um singelo porta-notas e moedas da prestigiada marca francesa, que tanta gente faz correr em busca de pretensão *status*. Dali seguimos para *Pádua*, onde íamos visitar a *Basílica de Santo António*, mundialmente conhecido como paduano, para gáudio dos transalpinos e desagrado dos lusitanos. De facto, o santo nasceu em Lisboa no dia 15 de Agosto de 1195, com o nome de *Fernando de Bulhões e Taveira Azevedo*, e faleceu no *Convento das Clarissas de Arcela*, às portas de *Pádua*, quando o calendário assinalava o dia 13 de Junho do ano de 1231.

Eram três e meia da tarde quando chegámos, e, como era um sábado, tivemos que atravessar uma feira de rua para chegar à magnífica basílica bizantina. De tudo um pouco por ali se via, desde roupa, calçado, aves, e, como não poderia deixar de ser, e à semelhança de *Veneza*, lá estavam os produtos contrafeitos, mesmo *nas nossas barbas!*...



Olhando de frente para a fachada da basílica, admiramos uma vasta conjugação de elementos arquitectónicos onde figuram cúpulas, campanários e minaretes. Um olhar mais atento permite-nos descortinar um conjunto de cinco arcadas, por cima das quais se vislumbra uma galeria com uma espécie de varandim e onde se contam dezoito arcos.

Mais acima, uma rosácea está ladeada por uma espécie de portas ou janelas, que a distância que delas nos separava não permitiu identificar. Por cima da grande porta de bronze da entrada, uma estátua de *Santo António* dá as boas vindas aos fiéis. Tínhamos agora uma hora para visitar a basílica, imponente e esmagadora. Era a segunda vez que ali estávamos, mas a emoção era a mesma. Ao tempo do franciscano aqui existia a pequena *Igreja de Santa Maria Mater Domini*, que, mais tarde, foi integrada na basílica com a designação de *Capela da Virgem Mora – Cappella della Madonna Mora*. Junto desta nasce mais tarde um convento de frades, ao que tudo indica fundado pelo próprio *António*. Após a sua morte, o seu corpo para aqui foi trazido e sepultado, a seu pedido. O primeiro núcleo da basílica, uma igreja franciscana de uma só nave, foi iniciado em 1238. Posteriormente foram acrescentadas as naves laterais, até se chegar ao esplêndido templo que hoje podemos admirar, claramente de traça bizantina. Começámos pela capela do santo, onde se encontra o seu túmulo, em cuja parte traseira, negra e semelhante ao xisto, colocámos as mãos em sinal de veneração e oração. Na capela onde está inserido podemos apreciar, a toda a volta, nove relevos de mármore que espelham cenas da sua vida e milagres que lhe são atribuídos. *Vestidura de Santo*



António, O ciumento que apunhala a mulher, Santo António ressuscita um Jovem, Ressurreição de uma jovem afogada, Santo António ressuscita uma criança afogada, Milagre do coração do usurário, Milagre do pé cortado e depois ligado, O copo atirado para o chão e que ficou intacto e Um recém-nascido que confirma a honestidade da mãe. No centro encontra-se o altar-túmulo, ladeado por dois monumentais e belíssimos candelabros de prata. Fomos depois para a pequena capela em honra de *Nossa Senhora* que atrás referimos, onde apreciámos uma peculiar imagem da *Virgem* com o *Menino* ao colo, de cabelos curtos e pendentes brincos avermelhados.

Seguiu-se a *Capela do Beato Lucas – Cappella del Beato Luca Belludi*, companheiro de jornada e ministério de *António*, onde o seu corpo repousa num bonito túmulo. Em jeito de arca que faz de altar-mor, encontra-se ao cimo de uma pequena plataforma ou elevação, onde chegamos depois de subir

tra-se ao cimo de uma pequena plataforma ou elevação, onde chegamos depois de subir

meia dúzia de degraus. Os frescos que decoram a capela representam, ao centro, a *Virgem* com o *Menino* ao colo entre santos franciscanos, e, dos lados, dois episódios da vida deste discípulo e companheiro de *António*. Dali fomos até à imponente *Capela das Relíquias* – *Cappella delle Reliquie*. Aqui se encontram preservadas as relíquias do santo, para além de ex-votos e outros artefactos religiosos. Logo à chegada deparamos com grandes estátuas assentes numa espécie de pequeno muro, ou separação, se assim lhe podemos chamar. Da esquerda para a direita temos *São Francisco de Assis*, a que se seguem quatro centrais figuras femininas que ficámos a saber representam a *Fé*, a *Humildade*, a *Penitência*. Ao fim, e como que encerrando este cortejo, está *São Boaventura*. Ao cimo do nicho central, ao alto, vemos uma estátua de *Santo António* na glória celestial. Subindo uns degraus, acedemos aos três nichos centrais onde estão expostos vários relicários, cálices, ex-votos, e, ainda, pequenos manuscritos que ficámos a saber se tratava de assinaturas ou autógrafos de santos. No que concerne às relíquias do santo, aqui estão expostos vários fragmentos de ossos, pedaços de pele e cabelos e, espantosamente preservada e conservada, a sua língua e os órgãos fonadores. Mais acima, ainda podemos ver o seu queixo. Depois de demoradamente termos percorrido e apreciado este magnífico tesouro de fé, descemos os degraus e dirigimo-nos para uma redoma rectangular de madeira coberta por vidro, ao centro, onde se expõe o seu hábito, já puído e desgastado pela inexorável passagem dos séculos, que se encontrava ao lado dos seus ossos aquando da abertura da sua urna de madeira, que também aqui se encontra exposta. Como não havia muito mais tempo, metemos pelos claustros e fomos até à loja da basílica comprar uma imagem do santo e um pequeno livro evocativo da sua via. Nele ficámos a conhecer episódios da sua vida e espantosos milagres que nos eram totalmente desconhecidos. Numa pequena capela adjacente, um jovem monge procedia à bênção dos objectos e artigos adquiridos pelos visitantes. Em unísono, foi rezada uma pequena e emocionante oração ecuménica, na qual se pediu pelos presentes, respectivas famílias e por um mundo melhor. Em jeito de epílogo, fomos aspergidos com água benta. Saímos depois para provar uma iguaria que havíamos visto nas lojas de beiram o caminho que conduz ao templo, apregoada como *Dolce del Santo* ou *Dolce Santantonio*. Havia de dois tamanhos – pequeno e individual, e grande de tamanho familiar. Vinha envolto numa embalagem de celofane, com uma imagem do santo no topo. Constatámos que, de facto, era delicioso. Uma caixa de massa folhada, ou algo congénere e estaladiço, estava recheada com um creme abaunilhado e espesso que sabia a amêndoa, e, uma dentada mais funda, fez-nos descobrir uma espécie de geleia de laranja. Por cima estava generosamente polvilhado com açúcar em pó. Depois desta espécie de lanche, e como ainda tínhamos algum tempinho, resolvemos entrar de novo na basílica, onde nos quedámos uns instantes em reflexão e oração. Com calma, olhamos à volta e apreciamos obras-primas de *Donatello*, entre outros, e, em lugar de

natural destaque, um magnífico Crucifixo que parece olharmos e nos inunda de ternura. As nossas preces foram embaladas pela doce e melodiosa voz de uma religiosa, que, no início de uma eucaristia, entoava cânticos religiosos. Mas era tempo de nos irmos, agora de viagem até *Piacenza* onde tomaríamos a última refeição do dia e onde iríamos pernoitar.

Depois de uma viagem mais ou menos atribulada, nomeadamente na entrada do perímetro citadino onde ficava o hotel, lá chegámos ao nosso destino. Desgraçadamente, e uma vez mais, ficava bem fora da cidade, na zona industrial, e numa zona que mais tarde iríamos constatar ser bem concorrida. Após a distribuição dos quartos e depois de termos acomodado as nossas malas e pertences, de imediato nos dirigimos à sala de jantar uma vez que a hora ia já avançada. Como entrada serviram-nos um prato de massa regada com molho de tomate – *pasta al pomodoro*, devidamente salpicada com manjeriço. Tinha um aspecto bem insólito, pelo menos exótico, que, à primeira vista nos parecia ser *penne*. Mas não era. Era enrolada, para dentro e para fora, e nas pontas formava uma espécie de S. Veio depois uma coxa de frango corada, acompanhada com batatas fritas aos quartos pequenos e rolinhos de feijão verde cozido ao vapor e atados com uma tira de *bacon*. Para sobremesa deram-nos uma generosa fatia de *tiramissu*. Após o jantar, e como estávamos numa periférica zona industrial longe do centro da cidade, considerámo-nos barricados. Mesmo assim, e para fazer a digestão, fomos dar uma volta pela zona circundante do hotel. Constatámos que já vinha de volta, com ar exasperado, um dos casais do nosso grupo, gente *fina e polida*, não em termos físicos, uma vez que a fêmea há muito havia começado a *crescer para os lados!*... Contudo, prosápia não lhe faltava!... Ficámos depois a saber que a exasperação da senhora se ficava a dever ao facto de aquela zona ser dada à prostituição, como depois constatámos, e de esta se ter sentido ofendidíssima pelo facto. Parece que a criatura se sentiu na pele de uma *vulgar* meretriz e o seu consorte no respectivo proxeneta, para não dizer *chulo!*... É preciso ter lata e, no mínimo, não ter espelhos em casa! Perante tanta escultural e esbelta mulher, iam logo engrajar-se com aquele *pote de unto?* De facto, a zona era concorrida e denunciava o que por lá se passava. Quanto mais não fosse, pela presença de esculturais mulheres e pelo inusitado movimento de carros. Sem nos importarmos, até porque ninguém connosco se meteu, demos uma volta pelo local. Necessariamente breve, uma vez que nada por ali havia que nos prendesse a atenção. Até um simples cafezito estava fechado. Perante este desolador cenário, nada mais nos restou senão recolher ao hotel. Depois de um retemperador banho, lá nos deliciámos com o cafezinho com leite e as bolachinhas da praxe.

13 de Agosto, domingo

Tomámos o pequeno-almoço a partir das sete da manhã. Começámos com um iogurte de pêsego, a que se seguiram dois pãezinhos com fibras e um redondo de textura branca, devidamente barrados com manteiga e recheados com queijo e fiambre e bebemos um aguado café com leite. Terminámos como começámos, ou seja, comemos outro iogurte, desta feita de morango.

Seguimos viagem às oito horas, rumo à riviera italiana, pela *Auto-estrada das Flores - Autostrada dei Fiori*. O almoço seria na *Cote d'Azur*, mais concretamente em *Nice*. Por volta das dez, já na região de *Génova – Genoa*, começámos a atravessar as dezenas de sucessivos túneis escavados na montanha para que a estrada sinuoso pudesse continuar o seu percurso. Íamos passar a fronteira de *Ventimiglia* uma vez mais. Antes das dez e meia estávamos a cruzar a cidade portuária de *Savona*, que possui o quinto porto mais importante de *Itália*, para menos de uma hora depois estarmos a saborear um *cappuccino – capucho* como eles dizem por aqui, que nos foi servido num copo de esferovite, certamente para que se mantivesse quentinho até à última gota. A viagem, que até então seguia calma e sem percalços, ia agora revelar-se atribulada, e, como referimos no início, *iríamos presenciar uma caricata e rocambolesca cena*. Então não é que a tal *cabeça loira titubeante, já bem para lá dos setenta, que viajava sozinha* e a quem havíamos posto a alcunha de *boçê*, se levanta disparada do seu lugar da frente e se vai sentar no chão, ao lado da guia com *cara de caso*? Que seria, meu Deus? Acaso a criatura levava algum apêndice anatómica em chamas? A chamusco não nos cheirava, é um facto. Contudo, o seu torcido rosto indiciava que algo não estava bem! E não estava! Pouco tempo depois, eis que o autocarro encosta na berma e vemos a vetusta senhora e a guia correrem para a saída e precipitarem-se para o vizinho pinhal. Curiosamente, a guia ainda corria mais do que a suposta aflita, como se, por um passe de mágica ou efeito telepático, tivesse assumido as suas dores, fossem elas quais fossem. Por lá estiveram algum tempo, sem que soubéssemos o que se estava a passar. Por muito que puxássemos pela imaginação, só cogitávamos a possibilidade de uma indisposição gastrointestinal repentina, quiçá uma monumental soltura, vulgo diarreia. Pouco tempo depois da paragem do autocarro, eis que vimos surgir uma viatura ligeira com uma sinalização luminosa no tejadilho, que parou para se inteirar do que se passava. Um taciturno condutor dirige-se à guia, com a qual manteve um diálogo de alguns minutos, regressando depois à viatura, quedando-se no seu interior até que o autocarro retomou a marcha. Não nos pareceu ser um agente policial, mas sim alguém ligado à gestão e conservação das estradas.

Chegámos a *Nice* por volta da uma da tarde. Como já iam sendo horas, fomos em busca do apetecido almoço ao já nosso conhecido *Dolce Vita*. Comemos uma bela baguete de frango com cogumelos e tomate, que depois foi prensada a quente. Para

sobremesa escolhemos uma bem generosa fatia de tarte de chocolate – *tarte au chocolat*. Já com o estômago *forrado*, e como ainda tínhamos algum tempo de espera até à hora marcada para retomar a viagem, fomos dar um passeio até à *Praia Ruhl – Plage Ruhl*, com o homónimo casino mesmo em frente.



Depois da passeata, decidimos ir tomar um café à esplanada *La Fontaine*. De onde só saímos para entrar no autocarro, agora rumo a *Marselha*. Saímos pelo *Promenade des Anglais* e cruzámos o *Hotel Negresco*, agora com o trânsito mais intenso e a fazer-nos ir *a passo de caracol*. Ainda bem que assim foi, pois, de outra forma, não nos seria possível apreciar as praias a perder de vista, com as suas magníficas águas de duas tonalidades. Azul-bebé à beirinha e azul forte lá mais para o meio. À nossa esquerda o concorrido aeroporto, com as pistas repletas de pequenos jactos privados. *Noblesse oblige!* Não nos esqueçamos que estamos na glamorosa *Côte d'Azur*. A viagem para *Marselha* foi calma e sem sobressaltos. Não imaginávamos nós o que nos esperava à chegada, que ocorreu por

volta das seis da tarde. Quando nos fomos acercando do centro da cidade, pudemos constatar o caos e a maior confusão que jamais víamos. A urbe estava virada do avesso, total e completamente esventrada por via de inúmeras e caóticas obras que, em simultâneo, pasma-se, estavam a decorrer. Por todo o lado se viam linhas de metro de superfície ou eléctrico recém colocadas, lado a lado com enormes buracos e montes de entulho, que, presumimos pelo que nos foi dado ver, provinham do restauro que estavam a efectuar ao pavimento. Vira à esquerda, vira à direita e sempre o mesmo emaranhado de obras e buracos, devidamente mesclados com um não menos caótico e infernal trânsito de fim de tarde. Como se isto já não bastasse, era dia de jogo de futebol, a avaliar pelos inúmeros transeuntes que circulavam de *t'shirt* e cachecol do seu

clube do coração. Sem poder identificar, contudo desconfiámos tratar-se do *Olympique de Marseille*.

Chegámos ao hotel já passava das vinte horas. Havíamos demorado, nada mais, nada menos, do que duas horas a percorrer a pequena distância que nos separava do centro da cidade até ao hotel. É que, com as estradas todas cortadas, sem poder virar e enveredar pelo caminho mais curto, vimo-nos obrigados a andar às voltas até encontrar uma artéria por onde pudéssemos seguir. Foi desesperante ver o hotel mesmo à nossa frente e não poder ir a direito. Enfim, fez parte da odisseia, mas roubou-nos precioso tempo para que pudéssemos dar uma volta pela cidade. De imediato descemos para jantar, depois de apenas termos tido tempo para recolher as malas e deixá-las no quarto. Como que em jeito de compensação, aguardava-nos um belo repasto. Como entrada deram-nos duas fatias de *patê* de atum com ervas aromáticas com uma coroa de *aspic*,¹⁰ que acompanhava com alface, um tomate-cereja e duas rodela de limão. Seguiu-se um filete de peixe cozinhado num molho branco e assente numa cama de arroz branco, polvilhado de cebolinho. Para sobremesa trouxeram-nos uma salada de frutas variadas, que tinha a particularidade de vir servida num prato de sopa. Aliás, como é hábito por estas paragens da *Gália*.

Depois do jantar fomos dar uma volta pela cidade, agora já manifestamente mais calma. Fomos até ao velho porto da cidade – *Vieux Port*. Nas esplanadas dos restaurantes comia-se marisco, devidamente acondicionado e servido numa espécie de *paellera*¹¹. A esmagadora maioria dos presentes era, com toda a certeza, de origem árabe, denunciada pelas feições e tez escura da pele. Os homens mais velhos envergavam uma túnica comprida e tinham nas mãos uma espécie de terço. Quanto aos mais novos, já vestiam calças de ganga, *t'shirt* e sapatilhas. Curiosamente as mulheres, apesar do véu e túnica negra comprida, não se separavam do seu telemóvel. Uma vez mais pudemos constatar o nauseabundo cheiro a esgoto e urina que empestava o ar. Por todo o lado se via lixo e imundície, um deleite para os obesos ratos que saltavam dos contentores quando por eles passávamos. O tal jogo de futebol da equipa local ainda decorria, e em muitos restaurantes e esplanadas, existiam ecrãs gigantes e televisores de plasma. Os carros, pasme-se, estacionavam em frente aos estabelecimentos, de forma a que os seus ocupantes pudessem apreciar o jogo. Um autêntico caos! Até por lá vimos um bando de adeptos, devidamente artilhados com uma garrafa de *bourbon Four Roses* e copos de plástico. Pelas ruas, à semelhança da tarde, também por todo o lado se viam fervorosos adeptos envergando *t'shirts* do seu clube, certamente adquiridas na loja oficial do *Olympique de Marseille*, que à tarde víamos pejada de gentes que *aliviava* as

¹⁰ Preparo culinário efectuado com gelatina, de forma a propiciar que os ingredientes se incorporem e se mantenham compactos.

¹¹ Utensílio culinário onde se prepara a *paella*.

carteiras comprando todo o tipo de *merchandising* do clube. O dia fora longo e complicado, sobretudo na sua parte final, por via das malfadadas obras que fizeram da cidade um inferno. Já passava da uma da manhã quando fomos dormir, não sem antes termos tomado o nosso reconfortante banho e saboreado um belo *cappuccino*, que acompanhámos com deliciosas bolachas de chocolate, cereais e frutos secos.

14 de Agosto, segunda-feira

O magnífico pão em baguete que comemos ao pequeno-almoço *soube-nos pelas almas*. Estaladiço, comemo-lo com manteiga *Président* e fiambre, enquanto saboreávamos café com leite e iogurte com compota de pêssego. Pouco passava das sete e meia quando saímos rumo ao *País Basco* espanhol que hoje nos daria guarida pela noite. Íamos jantar a *San Sebastian*, mas, por via das festas da cidade e da grande afluência de forasteiros, íamos dormir a *Vitoria - Gasteiz*. Seguimos por *Arles* e em breve nos vimos por terras de *Languedoc - Roussillon* e a já nossa tristemente conhecida *Nîmes*. Por volta das dez da manhã fizemos a nossa paragem da praxe. Depois de uma aliviadora ida aos sanitários, lá degustámos o já ansiado cafezinho, bem tirado por aquelas inteligentes máquinas que no-lo dão a troco de uma moedinha. Mas também aqui já chegou a malfadada inflação! É que custam agora a módica quantia de 1,20 €. Como ainda havia tempo, demos uma espreitadela pela loja de *souvenirs*. De tudo um pouco por aqui se encontra. Como estamos na *Provence*, abundam os produtos à base de lavanda, desde sabonetes a perfumes, não esquecendo os doces tradicionais. Nem sequer os livros alusivos à região envolvente e, para os mais curiosos, os que dão a conhecer os perseguidos e banidos *Cátaros*. Ainda as populares e nativas cigarras de loiça, cerâmica, e dos mais díspares materiais, tão típicas desta região, e que, no seu estado natural e vivente, inundam os campos com os seus ensurdecadores cânticos. Antes das dez e meia estávamos de volta à estrada. Quinze minutos volvidos, um grande cartaz informa-nos que estamos em território cátaro – *Vous êtes dans le pays cathare* – estávamos às portas de *Narbonne*. Por volta das onze e meia da manhã tínhamos *Carcassone* à nossa direita. Deitámos uma olhadela às magníficas e enigmáticas muralhas, tentando imaginar e descortinar os muitos segredos que encerram.

Pouco passava do meio-dia e meia quando parámos para almoçar. Algures pelo deslumbrante *Canal du Midi*, na região do *Haute Garonne*. Escolhemos uma baguete de queijo e fiambre, uma vez que a fome não apertava, após o que seguimos a nossa viagem. Por volta das três e meia da tarde estávamos às portas de *Lourdes* e uma hora depois estávamos a saborear um belo *cappuccino*, depois de mais uma paragem para desentorpecer as pernas e as mentes. Já não estávamos longe da fronteira com a *Espanha*. Em *San Sebastian – Donostia* iríamos ter algum tempo livre, antes do jantar que seria no *Hotel Costa Vasca*, após o que seguiríamos para *Vitória – Gasteiz* onde iríamos pernoitar.

O jantar foi uma grata surpresa. A começar pelo hotel, fantástico e fabuloso, e que, se depender de nós, será um dia local de *poiso* para as nossas andanças. Como entrada deram-nos *canelones à bolonhesa*, cobertos de molho bechamel e fiapos de queijo gratinado. Veio depois um peixe grelhado, regado com um molho de azeite e alho laminado, que vinha acompanhado com batata cozida e polvilhada de salsa. Para sobremesa tínhamos um generoso quadrado de um bolo em sobrepostas camadas entremeadas com *chantilly* e coberto de chocolate, e ainda tivemos direito a café servido no requintado bar contíguo à sala de jantar. Quando nos aprestávamos a sair, eis que nos é dado apreciar um espectáculo deveras caricato. Por via das festas que decorriam na cidade, onde não faltavam as manifestações taurinas, o *hall* do hotel encontrava-se decorado com motivos da festa dita *brava* (?!), que nos perdoem os aficionados, mas que, para nós, não passa de bárbara. Mas vamos ao *show*. Eis senão quando, vemos uma das nossas companheiras de viagem sair disparada e *ouriçada* de máquina fotográfica em riste. Então não é que no hotel estava um nome grande (?) e sonante das *toiradas*? Nada mais, nada menos do que *Enrique Ponce* (?). Foi o alarido geral entre a *mulherada*. A nossa amiga não cabia em si de contente e emoção. Não era todos os dias que se estava frente-a-frente com um ídolo, que até era consorte de uma grande modelo, ao que parece, musa de *Valentino*, de seu nome *Paloma Cuevas*. Enfim, foi uma mão cheia de emoções, entre conversas e fotografias. O dia estava ganho!... Por volta das vinte e uma e trinta seguimos viagem para *Vitoria - Gasteiz*. E que viagem animada tínhamos agora pela frente. Não se sabe se foi do lauto jantar ou do que o acompanhava, mas o que é certo é que foi uma animação. Os brasileiros deram largas à sua veia canora, no que foram secundados por uma *cota de meia-idade* que, naquele dia e àquela hora, havia *soltado a franga*. Resultado, uma ruidosa viagem por entre serranias, ao som das velhas jóias de música popular portuguesa, desta feita interpretadas por vozes de *canas rachadas*. Chegámos já depois das onze e meia da noite. Já não saímos àquela hora, até porque já tínhamos estado na cidade não havia muitos dias, logo no início do circuito. Como sempre, antes de dormir, ainda houve tempo e vontade para o *cappuccino*, enquanto relembrávamos os acalorados acontecimentos do jantar e da viagem.

15 de Agosto, terça-feira

Ao pequeno-almoço comemos pães quadrados e baguetes estaladiças, com manteiga e fiambre, que acompanhámos com café com leite. Para terminar com chave de ouro, comemos um iogurte de morango. Seguimos depois para *Salamanca*, onde iríamos almoçar. Por volta das onze horas, já depois de termos passado *Burgos*, por

terras de *Castilla e León* tomámos um *café cortado*¹². Por terras de *Valladolid, Zamora* e *Tordesillas* lá chegámos a *Salamanca*. Almoçámos na *Plaza Mayor* e optámos por uma salada com tomate, alface, ovo cozido, espargos, atum e azeitonas. Era leve e fresca e acompanhámo-la com um sumo de laranja natural. Foi no já nosso conhecido *Café Novelty*, que sabíamos servia refeições ligeiras e saladas variadas. Para contrabalançar com a frugal refeição, fomos comer um gelado de chocolate e menta-chocolate. À hora marcada lá estávamos no ponto de encontro para seguirmos viagem rumo à fronteira de *Fuentes de Oñoro*, onde faríamos uma breve paragem. Assim foi, de facto. Aproveitámos para comprar o nosso jantar, uma vez que iríamos pernoitar no *Porto* e prevíamos chegar a horas menos próprias. Como *o seguro morreu de velho*, fornecemos-nos de pão, latas de atum e sumos de ananás e uva. O resto da viagem foi calmo e sem sobressaltos.

Quando chegámos ao hotel na *Inbicta*, depois de tomarmos um reconfortante banho, tragámos as nossas *sandochas* em jeito de *piquenique dentro de portas*. Fomos depois dar uma voltita pela *Rua de Santa Catarina*, e, afinal, constatámos que tanta preocupação não tinha razão de ser. Havia cafés ainda abertos e, quanto mais não fosse, tínhamos o celebérrimo *Magestic* aberto até à meia-noite. Demos um salto até à *FNAC*, onde andámos até sermos convidados a sair, às onze da noite, hora de encerramento da loja. Fomos depois até à *Estação de São Bento*, para confirmarmos a hora do comboio que, no dia seguinte, nos levaria até à *Galiza*, mais propriamente a *Vigo*. Menos de meia hora volvida e eis-nos sentados no velho *Magestic* a saborear um *cappuccino*, enquanto apreciávamos os clientes que, aquela hora, ainda por lá se encontravam, a maioria estrangeiros, muitos deles a jantar. Fomos dormir já passava da uma da manhã. Daí a poucas horas estaríamos de novo na estrada, melhor dizendo, nos carris. Rumo a *Vigo* primeiro, para depois irmos até a *La Coruña*, onde contávamos chegar por volta das quatro da tarde.

16 de Agosto, quarta-feira

O pequeno-almoço foi memorável, para não dizer lamentável. Era servido no hotel a partir das seis e meia da manhã, e, uma vez que tínhamos comboio às oito na longínqua *Estação da Campanhã*, a essa hora lá estávamos na sala pois não havia tempo a perder. Nem viva alma se via em redor. Como se isso não bastasse, nem pão havia. Apenas queijo, fiambre, e pequenas embalagens de manteiga. Para os mais comilões, já havia ovos mexidos. Servimo-nos de café com leite e ficámos a aguardar que chegasse o *bendito* pão. Mas não havia meio. Quinze minutos depois, eis que chega um tabuleiro repleto de *Pães-de-Deus*. Por incrível que pareça, o pão continuava sem aparecer às sete

¹² Café servido numa chávena pequena, a que é adicionado um pouco de leite.

da manhã! Mesmo que quiséssemos comer os ovos mexidos, sem pão era quase impossível. Perante tamanha incompetência do hotel, e para que não saíssemos sem comer, optamos por beber o café com leite e comer um *Pão-de-Deus*. Não é certamente desta forma que promovemos o turismo e a imagem do país, muito pelo contrário! Apanhámos depois um táxi até à estação, e, uma vez mais, pudemos constatar que não passamos de um país do terceiro mundo com a mania das grandezas. Antes de viajar, e numa ida à casa-debanho, abrimos a boca de espanto perante tanta mediocridade. Para lá entrarmos, tivemos que pagar 0,50 €. Isto é, enfiarmos uma moeda desse montante na ranhura da vetusta porta. Quem não tem moedas, pasme-se, há uma máquina de trocos!...

Uma vez mais tivemos vergonha do propalado comboio internacional que nos levou até *Vigo*. Velho, decrepito, imundo, onde nem sequer havia um local apropriado para depositarmos as malas que nos acompanhavam. E íamos em primeira classe, pela qual pagámos 18,15 €! Iniciámos a viagem às oito e cinco da manhã, e até *Valença* a coisa esteve menos-mal. Aqui, foi-nos dito que teríamos que mudar de comboio. Assim, sem mais nem menos e sem qualquer explicação. Ah Portugal profundo, com comboios *de trampa* e serviços de meter nojo, mas com ganas de ter *TGV!*... Pobre povo e país que tais iluminados governantes tem!... A ver vamos como esta atribulada viagem vai acabar. À nossa volta, a *fauna* era medonha! Uns dormiam a sono solto, outros comiam bolachas recheadas com uma achocolatada pasta que varriam com a viscosa língua, outros pespegavam as patorras nos bancos, como se em suas casas estivessem. À nossa frente, um casal ocupava, sem qualquer cerimónia, o espaço de uma família. Isto porque ambos escarrapachavam os calcantes descalços e encardidos em cima de uns bancos e as malas em cima de outros. Haviam certamente comprado dois bilhetes, mas ocupavam meia dúzia de lugares. Também, não admira que o fizessem com o maior despudor, uma vez que não apareceu ninguém, nem sequer para controlar os bilhetes. Naturalmente até teriam bilhetes de segunda e viajariam em primeira classe!...

Chegámos a *Vigo* ao meio-dia e dez minutos e comprámos logo o bilhete para *La Coruña*. Como ainda tínhamos uma hora, resolvemos almoçar tranquilamente na cafetaria da estação, de castiço nome *Cafê Cafê*. Comemos uma sanduíche de tortilha de batata, por sinal bem apaladada e temperada com cebola, e bebemos um sumo de laranja natural. Tranquilamente ainda tomámos um café e pudemos constatar o quão longe estamos ainda de *nuestros hermanos!*... Tão diferente era o comboio onde agora nos fazíamos transportar, meu Deus. Longuilíneo, alvo e com listas laranja, era todo branco por dentro e com estofos azuis. Um autêntico luxo, comparado com a quase pútrida *jubiraca* que nos havia levado até ali!... Saímos dez minutos antes das duas da tarde e durante toda a viagem tivemos a companhia de um segurança da *Renfe*, armado e trajado rigor com uma camisa *beije*, colete amarelo fluorescente e calças castanhas, que fez sucessivas viagens de vaivém pelo comboio. Toda a viagem foi feita debaixo de

chuva intensa, por vezes torrencial. Ao largo, e sempre que nos foi dado ver, reparámos que o mar se apresentava encapelado, com pequenas ondas que rebentavam em branca espuma e inúmeras gaiivotas voavam baixinho em voo rasteiro por sobre as ondas.

Por volta das quatro e dez chegámos a *La Coruña* e apanhámos um táxi para o hotel. Como tínhamos malas grandes, ao invés de *Portugal*, vimo-nos obrigados a seguir separados em dois táxis. Quis o destino que nos calhasse na *rifa* um motorista *pinga-amor*, bazófiás e de verbo fácil. Começou por dizer que na nossa terra havia *chicas guapas* e que queria muito voltar, uma vez que já por cá havia estado quando tinha dezoito anos e tinha gostado muito. *Porto* e *Fátima* eram destinos que queria repetir. Bem se *fez ao piso*, mas, como teve pouca sorte na caçada, resolveu desistir e ficar-se pelas intenções. Foi um diálogo um tanto surrealista, mas divertido.

Depois de arrumadas as coisas no quarto, fomos às compras para os dois jantares que ainda teríamos na *Galícia*, no já nosso conhecido supermercado logo em frente ao hotel. Comprámos salsichas de frango, latas de atum a *la marinera*, leite, iogurtes, sumo de laranja e frutas. Os almoços seriam nos locais que nos havíamos proposto visitar, ficando os jantares para a calma e tranquilidade do quarto, no final de um dia de visitas. Arrumados os víveres no frigorífico, saímos para uma primeira passeata. Descemos até à *Praça de Maria Pita - Plaza de Maria Pitta*, para depois irmos pela avenida marginal junto ao porto, onde comemos um gelado de chocolate e menta. Dali demos um pulo ao *El Corte Inglés* e espreitámos as pouco convidativas *rebajas*. Entretanto, como já eram nove e meia da noite, jantámos por ali perto, mesmo à beira da *Plaza de Maria Pitta*, no restaurante *Gasthof*. Comemos uma *paella mixta* e bebemos uma água fresca. Fomos depois pela orla marítima, caminhando calmamente pela *Playa de Riazor*. Mais tarde, já de volta ao hotel, quedámo-nos tranquilamente na cafetaria *Manhattan Plaza*. Sorvemos um *cappuccino* enquanto apreciávamos os clientes, que, apesar do adiantado da hora, ainda jantavam e se atafulhavam de hidratos de carbono e gordura, sob a forma de suculentos bifes com carradas de batatas fritas ou nacos de carne assada com arroz. Para empurrar, bebiam grandes canecas de cerveja ou copázios de vinho tinto. Recolhemo-nos por volta da meia-noite, e, depois de um reconfortante banho, ceámos bolachas de frutos secos e fibras da *Molino Bianco* que degustámos com café com leite. Já passava das duas da matina quando fomos dormir. Dali a um par de horas iríamos de viagem até *Pontevedra*, que ainda não conhecíamos.

17 de Agosto, quinta-feira

O pequeno-almoço foi o melhor que tivemos até então. Havia um pouco de tudo, à escolha. Fruta, iogurtes, tortilhas, enchidos, pequenas sandes já confeccionadas, compotas, caixas individuais de cereais à escolha e sabe-se lá que mais. Comemos fatias de melão, melancia e ananás, iogurte de *macedonia de frutas* – salada de frutas e

pãezinhos com manteiga e fiambre que acompanhámos com café com leite. Às nove e meia já estávamos no comboio regional que nos levaria até *Pontevedra*. O sol brilhava, muito embora houvesse ameaça de chuva. Uma vez mais lá estava o segurança, que percorreu o comboio vezes sem conta na sua missão de vigilância, discreta, mas atenta e compenetrada. Por toda a parte se viam vestígios dos recentes incêndios que haviam devastado aquelas terras. Para passar o tempo, fomos apreciando os belos espécimes masculinos que compunham a paisagem, alguns deles *bem suculentos* e de tirar a respiração!...

A primeira coisa que fizemos ao chegar foi tomar um cafezinho, uma vez que já iam sendo horas. Fomos depois subindo até ao centro da cidade, em busca do recomendado *Santuário da Virgem Peregrina*, que sabíamos acolher uma curiosa imagem de *Nossa Senhora* com um chapéu na cabeça. Fomos subindo até ao centro da cidade, apinhada de gentes.

Lá estava o santuário, do século XVIII, curioso, sob a forma redonda, e lá estava a bonita imagem, desta feita vestida com um fato branco bordado e o dito chapéu.

Cá fora, no pequeno largo defronte, um rancho folclórico de origem eslava, que desconfiávamos ser russo, deliciava os transeuntes com as suas acrobáticas danças. As mulheres, com os cabelos apanhados em grandes tranças que caíam pelos rins, exibiam coloridos trajes com alças e blusas de manga tufada. Quanto aos homens, envergavam uns fatos militarizados e tinham as cabeças cobertas com gorros de pele com palas compridas nas orelhas, que mais pareciam uns rabos peludos. Terminada esta actuação, seguiu-se um grupo oriundo do *Senegal*, com grandes batuques que comandavam o ritmo dos seus elementos, todos homens, que tinham na cabeça um barrete azul



e vermelho, à imagem e semelhança dos andinos. Passeámos pela cidade, descendo pelo *Convento de São Francisco* à nossa direita, para depois subirmos novamente até ao *Santuário da Virgem Peregrina*, onde agora o dito grupo senegalês acompanhava umas nativas galegas, que, trajadas a rigor e trocando pandeiretas, vocalizavam algumas melodias. Um espanto, que o público presente brindou com uma valente saraivada de merecidas palmas.

Como já eram horas, fomos almoçar à contígua *Casa Alcalde Café*, uma ancestral casa de pedra em cuja fachada se via uma lápide referindo que nela viveu o historiador local *Claudio Gonzalez Zuñiga*.



O cardápio anunciava refeições a preço de saldo, dois pratos mais bebida e sobremesa por oito euros. Contudo, as ementas pouco explícitas, para não dizer totalmente estranhas, não ajudavam muito. Escolhemos a que referia *revuelto de gulas e pechuga a la plancha*, sem fazermos ideia do que seria. Sabíamos o que eram *gulas*, ou *angulas*, mas não sabíamos o que era *revuelto*. Pois então *gulas* mais não eram do que os filhotes ou larvas das enguias, que por cá se conhecem como *meixões* e são pagos a peso de ouro. O *revuelto*, afinal, era uma simples omeleta. Quanto ao segundo prato, era um bife de frango grelhado, que acompanhava com batatas fritas e estava enfeitado com umas tiras de pimentos morrones. Depois do almoço descemos até à estação dos caminhos-de-ferro para apanharmos o comboio de volta para *La Coruña*.

Não sem antes termos entrado num supermercado, onde comprámos um pão chapado de aspecto magnífico para o jantar, bem como um perfume *Marusia*, substancialmente mais barato do que em *Portugal*.

Como ainda era cedo, à chegada demos um pequeno passeio pelas redondezas do hotel. Por volta das oito tomámos o nosso banhinho, para depois nos deliciarmos com o nosso primeiro jantar frugal de quarto de hotel. Hoje tínhamos o tal pão chapado de *Pontevedra*, recheado com salsichas de frango, que acompanhámos com sumo de laranja. Para sobremesa, um copázio de iogurte com pedaços de morango. Depois de tão lauto repasto era preciso caminhar, e muito, para trucidar tanta caloria. Fomos até ao *Obelisco Millenium*, construído no ano de 2000. Foi inaugurado na noite de passagem de ano, para que, deste modo *La Coruña* comemorasse a entrada no novo milénio. Trata-se de uma estrutura de alumínio de forma piramidal, com 50 metros de altura, da autoria do artista *Gerardo Porto*. É coberta de uma espécie de vidro colorido, onde podem ver-se desenhos com diversos motivos, nomeadamente o descobrimento da *América* e a heroína local *Maria Pitta*. No seu interior, numerosos focos de luz iluminam os painéis e proporcionam um magnífico espectáculo que rasga o breu da noite. Dali seguimos até à *Praça Maria Pita – Plaza de Maria Pita*, onde espreitámos os bares de *tapas e copas*. Antes de regressar ao hotel, quedámo-nos na já nossa cafetaria *Pianeta Expresso*, mesmo defronte ao edifício da autoridade portuária e pedimos um *cappuccino*. Pelo esgar de espanto da empregada, ficámos desconfiados de que ia haver asneira. E não nos enganámos! Depois de algum tempo, lá nos trouxe um copo grande, com asa, onde vinha uma mistela acastanhada. Mais não era do que leite com chocolate, devidamente enfeitado com espuma de leite e polvilhado com canela. Não estava mau, mas, de *cappuccino*, apenas o nome. Já há muito passava da meia-noite quando nos recolhemos ao quarto, para o já nosso imprescindível *midnight snack* de café com leite e bolachas.

18 de Agosto, sexta-feira

Ao pequeno-almoço, como não poderia deixar de ser, bebemos café com leite e comemos pãezinhos com manteiga e fiambre. Também iogurte e salada de frutas. Saímos depois a pé até ao passeio marítimo, sempre a pé, e cruzámos a *Torre de Hércules – La Torre de Hercules*, o vetusto farol romano que, ainda hoje, esparge a sua luz pelo oceano.

O nosso destino era agora o *Castillo de San Antón*. Antes, uma pequena pausa. Foi na cafetaria *Chispa*, onde tomámos um café *cortado*, após o que apanhámos o eléctrico até ao velho forte. Encontra-se numa ilhota à entrada da ria e perto do porto desportivo. Diz-se que, na *Idade Média*, aqui havia uma pequena capela, mas que, no século XVI, foi considerado importante local de interesse defensivo. Assim sendo, com as pedras das antigas muralhas, foi iniciada a construção do castelo, que, anos mais tarde, se revelou decisivo na luta contra os navios do corsário *Francis Drake* que aterrorizaram as águas galegas. A sua planta irregular tem a forma de uma estrela, e

adapta-se na perfeição aos contornos da pequena ilha onde está implantado. Nos anos sessenta do século vinte torna-se museu arqueológico e histórico municipal, onde podemos apreciar várias salas que dão a conhecer não só a arqueologia como a história da cidade. Também aqui estão expostas peças alusivas aos diversos períodos da história da *Galiza*, desde o paleolítico até à época romana, sem esquecer a construção da *Torre de Hércules*, a invasão de *Drake* em 1589 e a *Batalha de Elviña*. Também conhecida como *Batalha da Corunha*, ocorreu no dia 16 de Janeiro de 1809 por altura da *Guerra da Independência Espanhola*, inserida nas *Guerras Napoleónicas*. Nela tomaram parte para cima de 14.000 soldados britânicos, comandados pelo general *Nicolas Jean de Dieu Soult*.

Depois de demoradamente termos visitado o castelo, constatámos que já se *trincava* qualquer coisa. Como àquela hora já tínhamos a sorte de ser servidos em qualquer restaurante, sentámos-nos na *Trattoria Toscana*. Pedimos uma *pizza Venecia*, que levava *mozzarella*, tomate, anchovas, pimentos morrones e azeitonas pretas descaroçadas, que acompanhámos com água fresca. Com o estômago confortado, quedámo-nos tranquilamente a apreciar o empregado que acabara de nos servir, uma mescla de italiano com galego. Subimos depois até ao *El Corte Inglés*, para ir buscar um perfume da *Agatha Ruiz de la Prada* que havíamos visto no dia anterior. Descemos depois pela marginal e subimos para explorar a cidade velha. Logo acima está o *Jardim de São Carlos - Xardín de San Carlos*, local que outrora albergava a fortaleza de origem medieval, da qual só restam parte dos muros. Bem no centro está o monumento funerário erigido em memória do general *John Moore*, mortalmente ferido na *Batalha de Elviña*, quando apenas contava 48 anos de idade. Visitámos depois a *Igreja de S. Domingos*, e, mais acima, numa pequena esplanada acobertada por frondosas árvores, ficámos a observar os transeuntes nativos enquanto íamos sorvendo uma água fresca. Mais concretamente um bando de *catraias* que, embevecidas, rodeava um imberbe mancebo que tangia guitarra. Mais adiante, um garotinho que tentava comer um gelado quase do seu tamanho, e que, por duas ou três vezes *aterrou* de cabeça, sem que dos seus olhos escorresse qualquer lágrima. Era pequenito, mas *tesito!* Ainda um trio de adolescentes, todas aperaltadas e devidamente maquilhadas, que suspeitámos ir para um casório. Depois do descanso descemos até à *Praça Maria Pita - Plaza de Maria Pitta*, onde assistimos à chegada de umas castiças carripanas do século passado que integravam um *rally* de carros antigos. Subimos depois para visitar a *Igreja de São Jorge*, a que se seguiu a *Igreja de São Nicolau*. Pelas artérias comerciais fomos dar à *Igreja Castrense*, que também visitámos. Em passo calmo e sincopado fomos dar ao hotel.

Depois de termos tomado um reconfortante e vigoroso banho, preparámos mais um frugal jantar. Hoje tínhamos um apetitoso pão que tínhamos trazido do super-

mercado do *El Corte Inglés*, que recheámos com uma lata de *pulpo a marinera*, que é como quem diz, *polvo à marinheira*. Bebemos o resto do sumo de laranja e *acabámos com a raça* ao iogurte magro com pedaços de morango. Saímos depois em busca da *Praça de Espanha*, que sabíamos ficar muito perto da sua homónima em honra de *Maria Pita*. Demos com ela, é um facto, mas já não estávamos sós. Fazia-nos companhia uma bela chuvada que se abatia sobre os *nossos costados*. Com este acompanhamento nem sequer nos demorámos. Pela traseira da *Câmara Municipal* acedemos à *Praça Maria Pita - Plaza de Maria Pitta*. Lá estavam as velharias motorizadas que havíamos visto à tarde, mas a malvada chuva, agora em catadupas, obrigou-nos a procurar refúgio. Foi no *Faggis*, onde saboreámos um artístico *cappuccino*, com um belo enfeite à laia de teia de aranha por cima, onde estava anichada uma avelã coberta de chocolate. Como havia uma *abertinha* no tempo, pusemo-nos a mexer para o hotel, onde chegámos por volta da meia-noite, não sem que antes nos *caísse no pêlo* uma bela chuvinha. Antes de dormir, não passámos sem o nosso cafezinho com leite e bolachinhas.

19 de Agosto, sábado

Ao pequeno-almoço voltámos a comer os tais pãezinhos com manteiga e fiambre, café com leite e iogurte de *macedonia* – misto de frutas. Como estávamos de abalada, fomos para a estação da *Renfe*. O comboio que nos traria de volta à *parvónia* estava marcado para as dez e cinquenta. No entanto, como era sábado, o horário mudara e já só havia transporte uma hora mais tarde. Lá tivemos que *apanhar uma seca* e *tomar um chá de cadeira* na sala de espera da bendita estação. À hora prevista estávamos a entrar no comboio, para, cerca de duas horas mais tarde, estarmos a apelar-nos na estação de *Vigo*. Depositámos as malas nos cacifos para o efeito e fomos em busca de almoço. Desta feita provámos, no já nosso familiar *Nuevo Derby*, a petisqueira galega de polvo – *pulpo à gallega*. Numa espécie de prato ou bandeja de madeira, grossos nacos de polvo cozido temperado com azeite e polvilhado de colorau vêm acompanhados de rodelas de batata cozida e grossas fatias de delicioso pão galego. Como estava picante, atacámo-lo com goladas de água gelada. Descemos depois pela cidade, quase deserta por ser hora da *siesta* e sábado à tarde. Passeámos por entre os restaurantes e tascas onde se devorava de tudo um pouco, nomeadamente mariscos de todos os tamanhos, cores e feitios. Subimos depois mais para o centro e sentámo-nos na esplanada do *Marcelino Pan y Vino*, onde deglutimos um gelado de chocolate e pistácio. Enquanto o fazíamos, íamos tomando tento nos muitos transeuntes que por ali passavam, quase todos artilhados de sacos de compras. Como ainda tínhamos uma réstia de tempo de espera, fomos borboleteando pelas lojas que estavam abertas. Descemos depois para a estação, onde fomos comprar os bilhetes e recolher os nossos pertences.

Com espanto, constatamos que eram dois bilhetes, um de *Vigo* para *Valença*, por 2,55 €, e outro daí para o *Porto*, que nos custou 18,40 €. Como já só chegávamos ao *Porto* à noite, optámos por jantar na cafetaria da estação. Repetimos a dose da sanduíche de tortilha com o sumo de laranja natural, enquanto fazíamos o balanço da nossa breve estada por terras galegas, francamente positivo. Afinal, é sempre bom ir *lavar a alma* a países do primeiro mundo.

Uma vez mais ficámos estupefactos com o comboio que nos levaria até ao *Porto*. Que diferença abissal dos que até há algumas horas atrás nos havíamos feito transportar. Este era decrepito e antiquado, digno exemplar de um filme de *António Lopes Ribeiro*. São estes *pequenos* pormenores que nos distinguem dos países a sério! Dos que primam pelo desenvolvimento e pela civilização. Até nisso somos básicos e pobrezinhos de espírito e mente. Berramos e vociferamos aos quatro ventos, mas não passamos de humildes e bacocos cordeirinhos! Não temos comboios em condições, fechamos estações e apeadeiros, estrangulamos ainda mais o já martirizado interior, totalmente esquecido e votado ao ostracismo, mas temos ânsias de ter um *TGV*! Só pode ser para permitir que, alguns figurões e figuronas do nosso pseudo *jet set*, vão até *Madrid* tomar café e regressem ao *Rossio* do nosso descontentamento. Nunca dei tanta razão ao grande e saudoso *Cazuza*, quando magistralmente deu à luz a expressão *Grande pátria desimportante!*... Como se nos encaixa na perfeição!...

Mas regressemos à viagem. Mal sabíamos nós o que ainda estava para vir. Em *Tuy*, vai-se lá saber porquê, estivemos parados para cima de meia hora. Mas não era tudo! Chegados à estação de *Valença*, o funcionário da *CP* que connosco vinha avisou que tínhamos que sair do comboio para apanhar outro que vinha buscar-nos. Assim, sem mais nem menos e sem qualquer tipo de explicação. E lá tivemos que arrebanhar as malas e esperar pacientemente pelo tal trem que viria em nosso auxílio. A estação, do *tempo em que os animais falavam*, para além de estar imunda, apenas tinha uma única e infecta casa de banho e tinha um ar de perfeito abandono. Enfim, nada que os surpreendesse. Já estávamos em terras lusas e, bem à nossa frente, uma frase inscrita num edifício que não conseguimos identificar, disso é sintomático: *Material do Século XIX*. Lá seguimos viagem rumo ao *Porto* naquela *xafarica* que tremia e balançava por todos os lados. Cerca de quinze minutos antes das nove da noite, em *Viana do Castelo*, eis que entra a tropel pelo comboio adentro uma revoada de barulhentos indígenas! Acabara-se o silêncio e o sossego. O burburinho das conversas em altos berros e os sotaques das vogais abertas rasgava agora a calada da noite. *Tudo ao monte e fé em Deus*, como costuma dizer-se, foram ocupando os lugares vazios. Tinham bilhete de segunda classe, mas, à boa maneira do nacional *chipoespertismo*, foram-se sentando na primeira. Artilhados de pequenas cadeiras articuladas e obesos sacos de merendas, devidamente acompanhados pelo garrafão de cinco litros, certamente viriam de alguma

festa ou romaria. Como entraram em *Viana*, só poderia ser das *Festas da Senhora da Agonia*. Foi um pandemónio e o caos. Felizmente a esmagadora maioria saiu em *Santo Tirso*, o que nos deu alguma paz e tranquilidade. Já tínhamos os ouvidos cheios de surrealistas conversas, como a fêmea que ansiava por chegar ao resseso do lar para ver o seu *hóme* e cuidar do pai que, por via do avançar da idade, usava já uma espécie de fralda ou cueca. Só visto!

Chegámos à *Invicta* por volta das vinte e duas e trinta e apanhámos um táxi para o hotel, situado na zona da *Batalha*. Depois de um reconfortante e reparador banho, apesar de termos jantado a tal sandes de tortilha em *Vigo*, a barriga *roncava* em alto e bom som. Saímos então até ao *Magestic*, onde comemos uma bela fatia de tarde de amêndoa e bebemos um *cappuccino*. Já reconfortados, demos uma voltinha pela zona da *Batalha* e demos um pulinho até ao *Bolhão*. Já passava da meia-noite e meia quando recolhemos ao hotel.

20 de Agosto, domingo

Era o nosso último dia de férias. Descemos para o pequeno-almoço, que já sabíamos de antemão seria fraco, face à *banhada* da primeira vez. A odisseia começou com a busca de uma mesa vazia e limpa. Os restos de comida e as embalagens vazias amontoavam-se nas atulhadas mesas. Os turistas que por ali se encontravam olhavam incrédulos e estupefactos para aquele cenário de quase catástrofe. O caos era total, e, diga-se, pouco abonador para a imagem do hotel, numa primeira instância, e depois do país que se apregoa de hospitaleiro! Por fim lá conseguimos afastar os restos de uma das mesas e arranjar um lugarzinho para nos sentarmos. Lá conseguimos comer um pãozinho com manteiga e beber um café com leite, e, com sorte, ainda descortinámos um iogurte de morango. Sobreviventes daquele panorama de hecatombe, fomos até à agora melhorada estação rodoviária comprar o nosso bilhete para a capital da *Beira Alta*. Subimos depois a *Rua de Santa Catarina* e entrámos no *Via Catarina*. Fomos coscuvilhando as lojas e os saldos que ainda por lá se viam, mas os clientes nas lojas não abundavam. Muito pelo contrário! Fomos até à *FNAC*, mas, como era domingo, esta só abria às onze horas. Sentámo-nos então no pequeno *Delta Gourmet*, onde saboreámos um *cappuccino*. À hora de abertura lá fomos em busca das últimas novidades bibliográficas. Regressámos depois ao *Via Catarina*, onde tínhamos marcado com uma amiga com quem íamos almoçar. O local do repasto não era longe, uma vez que íamos ao *buffet* de domingo do *Grande Hotel do Porto*. O que vimos tirou-nos o fôlego! Começámos com uma salada, que compusemos com uma parafernália de deliciosos ingredientes, nomeadamente grão com bacalhau e pimentos às tiras, cenoura ralada, milho, uma chamuça e um croquete miniatura. Escolhemos depois um misto de tiras de peixe frito, onde se via salmão e cherne, que acompanhámos com um saboroso

arroz de passas e pinhões e umas cenouras-bebé com ervas aromáticas. À sobremesa comemos leite-creme torrado, e, para desenjoar, fatias de melão, melancia e ananás. Fechámos com chave de ouro com um saboroso e aromático café, que nos foi servido com um quadradinho de chocolate amargo, devidamente acondicionado num invólucro onde se podia ler o nome do hotel. Depois de tão espantoso e quase pantagruélico banquete, deixámo-nos estar em amena cavaqueira até meio da tarde. Fomos depois descendo a *Santa Catarina* até à *Praça da Batalha*, onde fomos buscar os nossos pertences ao hotel.

O fim da festa foi, de facto, surrealista e digno de um qualquer país do quarto mundo. Isto porque, decididamente, não passamos de um país do terceiro mundo em muitas facetas da nossa realidade. Só que, das duas uma: ou ainda não demos conta, ou, pior, ainda, já sabemos e vamos *assobiando para o lado!* O autocarro que nos ia transportar era medonho, decrepito e imundo. Os estofos, de um tecido grosseiro, queimavam-nos as costas. O ar condicionado, se isso lhe podemos chamar, não passava de um reles ventilador, até que, às páginas tantas, começámos a sentir um fresco vento que tornava o ar mais respirável. É que alguém, provavelmente em desespero, resolveu abrir a uma das janelas do tejadilho. Uma bênção!

Chegámos a casa por volta das seis da tarde. Parafraseando *Elba Ramalho*, estávamos *de volta ao aconchego* e ao ramerrão de todos os dias. Mais um périplo se encerrava e um círculo se fechava. Como mandam as regras e os cânones, há que trabalhar! À semelhança da formiga de *Jean de La Fontaine*, há que, de novo, amealhar e juntar outro succulento pecúlio. Só assim nos podemos dar ao luxo de, pelo menos uma vez por ano, deixarmos a nossa *aldeia global* para ir em busca de novos sabores, aromas e sensações.

Só esta perspectiva nos dá ímpetus de continuar a desejar, e ansiar, que os 365 dias que ainda temos pela frente passem depressa e bem. Mas passem!...